

FON
FON



Rio de Janeiro 1852

A revista para o Brasil

ELE JÁ É SÓCIO DO CLUBE DO

KANGURÚ

Minim



O espírito de economia e previdência infunde-se desde a mais tenra idade. Para que o seu filho compreenda — bem cedo — o valor de um programa de economia, faça-o desde já sócio do Clube do Kangurú Minim, no qual aprenderá a crer em suas próprias possibilidades e a formar um sólido pecúlio para o futuro.

Uma iniciativa educacional do

Banco Nacional Imobiliário S.A.

UMA INSTITUIÇÃO PARA SERVIR O PÚBLICO

Séde Central: Rua Álvares Penteado, 72 — São Paulo e Agências

INVENTARIO - BN

00.145.345-4

O CASAL AMERICANO

MALUH DE OURO PRETO

DEPOIS de uma semana no Rio o casal Americano foi embora ontem. A carta explicativa chegara antes: "Dear friend, sempre recordamos sua gentileza... Agora meu irmão e minha cunhada estão fazendo um 'South American tour'... Chegarão ao Rio no dia tal às tantas horas e vão lhe telefonar... etc... Love..."

No dia tal, pouco depois das tantas horas, recebi o anunciado telefonema e um "date" foi logo marcado. O casal era simpático e moço. Ela elegante, com bonitas joias e cabelo curtinho. Ele sorridente e corado, com uma gravata quase discreta. Estavam viajando há dois meses, entregues de corpo e alma aos prazeres do turismo, e ao carinhoso desvelo do "American Express". Começando pelo México e pela América Central, tinham percorrido toda a América Latina, e o Rio era sua última etapa. Desapontados com Vina del Mar, e desgostados com a Argentina tão "anti-American", tinham em compensação um fraco pela Guatemala e por Lima Perú, e estavam certos que iam adorar o Rio...

O American Express pusera à sua disposição carro, chofer e guia intérprete, e preparara um minucioso itinerário. Nada fora esquecido: Corecovoado, Pão-de-Açúcar, Tiúca, Quitandinha, passeios, e de vez em quando uma manha ou tarde livre para compras. Ela sabia exatamente o que queria comprar. Na Guatemala adquirira fazendas, no Perú jóias de ouro e cerâmicas antigas, na Argentina bolsas de crocodilo. Do Rio levaria figas, águas marinhas, balangandas, blusas bordadas e discos. Fixara o que queria gastar e conhecia a situação do câmbio. Confessaram-me que estavam exaustos, cansadíssimos, mas não iam descansar na areia morna como sugeri. "No sir!" Até então tinham seguido à risca o programa, aproveitado até o último "cent" os dólares gastos e assim fariam até o fim! Que tal o itinerário? Aprovei, ousando acrescentar uma visita ao Ministério da Educação, mas tive uma surpresa, meus americanos eram grandes conhecedores de arte moderna, admiradores de Portinari e já tinham ido ao Ministério da Educação. No jantar pediram bife Diana que lhes fora aconselhado, e beberam uísque com soda e sem gelo, porque gelo... sabiam que não havia perigo, mas era mais prudente...

Durante seis dias estive em contato constante com eles. O programa foi cumprido sem falhas, admiraram todos os panoramas, dançaram em todas as boites sempre alegres, dispostos, superiores ao tempo e à fadiga, determinados a gostar de tudo, chegando a achar graça quando a bolsa dela foi roubada na praia. Eram tipicamente Americanos, ingênuos, bondosos, convencidos da supremacia de seu país, e do poder invencível do dólar. De vez em quando entremeadas com perguntas sobre a altura do Pão-de-Açúcar e profundidade da Baía de Guanabara, faziam interrogações mais embaraçosas. "Há ou não divórcio no Brasil? Vargas é republicano ou democrata? O que quer dizer 'O petróleo é nosso?' Qual a situação e influência da classe média? Não contentes com evasivas, queriam respostas categóricas que sob o título "Brazil and the Brazilians" conservariam numa gaveta especial do cérebro, junto com as ideias dos panfletos do "Express", e as experiências pessoais.

Ontem vieram despedir-se. Ela usava uma blusinha bordada, tinha águas marinhas nas orelhas e no pulso uma pesada pulseira de balangandas, os discos estavam na mala. Exausta, semi-morta, mas feliz pois aproveitara até o máximo seu delicioso "tour" ela exclamou: "Não tive surpresas, adorei! Foi tudo como planejei e como esperava!" Como deve ser confortável, mas pouco interessante reunir ideias sobre a vida e o mundo, as diferentes nações e sua gente em compartimentos estanques, ver só o que se quer, simples e sadiamente, sem encontrar ou criar problemas...

Partiram levando do Rio apenas o que queriam, conhecendo o que já conheciam repetindo o "slogan" que desde pequeninos lhes tinha sido ensinado: "Brazil — Rio, orquídeas — luar — Copacabana — águas marinhas — Pão-de-Açúcar — Cristo — sambas..." O eterno slogan Americano relativo à nossa terra tão rica em mil outras coisas, ao qual tinham acrescentado uma única palavra: Portinari...

E dentro em breve, eu receberei uma entusiástica cartinha de agradecimentos e desejos de poder retribuir, terminada com o termo banalmente corriqueiro: "Love"...



Os Beijos de Hollywood

ATRAVÉS das idades, o ato de beijar tem sido considerado ora romântico, ora perigoso, ora prova de grande amor, e até mesmo anti-higiénico.

Cada um acha que o beijo é uma coisa, mas num ponto estão todos de acordo: causa prazer, e desde que o dar prazer é um dos objetivos fundamentais do cinema, segue-se que o amor e os beijos representam importantíssimo papel na história da tela.

O cinema, de fato, começou com um beijo. Em 1896, dois anos após a primeira exibição pública do primeiro filme, dois artistas do palco, May Irwin e John C. Rice, posaram para um beijo que durou vários minutos, que chocou e deliciou os espectadores. Esse famoso beijo foi tão censurado quanto elogiado, e houve sérias discussões sobre se era ou não moral. Fazer aquilo à vista do público!

Apesar de toda a celeuma levantada, os fazedores de cinema



A esta — Norma Kamadge era mais trágica que a sua irmã Constante, e vivia horas terríveis com o seu amado Gilbert Roland. Quem viu "A dama das camélias"? A dir. — Quem teve a sorte de ver Constante Talmadge, tão graciosa, amado por Ronald Colman?

A esquerda — Em "Flores do pó", o amor respeitoso de Walter Pidgeon pela adorável Greer Garson encantava as platéias. A direita — Clark Gable, considerado "o rei" dos beijadores da Metro, e a falecida "platinum blonde" Jean Harlow, constituíram uma atração de alta-voltagem para os amantes do bom cinema.



O público adorava os amores ingênuos de Clara Bow, prendia o jovem Fredric March. Clara era um diabinho de saia!



O TRABALHO QUE OS BEIJOS DA TELA DÃO AOS PRODUTORES — OS BEIJOS SÃO COMO OS IMPOSTOS: — ESTÃO MAIORES DO QUE NUNCA — "VAMPS" E PARES FAMOSOS DE HA TRINTA ANOS PASSADOS — SEJA JEANNETTE OU ELIZABETH, É SEMPRE AMOR, AMOR, AMOR! — O CINEMA COMEÇOU COM UM BEIJO

compreenderam que o grande público se interessava positivamente pelos beijos de amor.

E até hoje, cada vez mais, eles partem desde princípio. Sabem muito bem que o amor e os beijos são os dois fatores principais para o êxito do cinema; os romances da tela têm sido muito aperfeiçoados nestes 55 anos, e os beijos também. Ficaram famosas as denominações de "vamp" (mulher vampiro) ou "serela", iniciadas com a famosa Theda Bara, cujos beijos, conforme seus propagandistas, "inflamavam espíritos e corações, aprisionando os homens com seus ardís". Houve, porém, grupos de moralistas

Quem não delirou com o amor mesclado de ódio de Rita Hayworth e Glenn Ford, no famoso filme "Gilda"?

Em "Um lugar ao sol", vemos as angústias e as lutas resultantes do amor da rica Elizabeth Taylor pelo pobre Monty Clift.



A técnica do beijo cinematográfico de hoje pode diferir da de outrora, mas no fundo é a mesma sensualidade agradável que desperta no público. — (Jane Russell e Bob Mitchum).



que reclamavam contra esses beijos "perfeitamente anti-higienicos". Outros higienistas exigiram uma legislação que obrigasse os atores e atrizes de cinema a gargarejar e desinfetar as gargantas antes e depois de cada beijo!

Embora haja no cinema grande liberdade no terreno do romance, existem algumas regras rígidas de comportamento, que os produtores seguem atentamente. Há liberdade em Hollywood, porém não licenciosidade. O Código do Cinema (criado há vinte anos, para que não se verifique falta de gosto flagrante, nessas questões) exige certas coisas a respeito de beijos. Por exemplo: estes são limitados a aproximadamente 20 segundos; tanto o ator como a atriz devem estar vestidos; não se devem beijar em posição horizontal; e não é permitido que se façam outros gestos enquanto dura um beijo.

David W. Griffith chegou a conclusão so-

bre o tempo que devia durar um beijo no cinema, da seguinte maneira: em sessões especiais, exibia cenas de beijos e via pelo tempo que o espectador levava até se manifestar, se o beijo tinha durado o suficiente ou não. Quando o espectador começava a rir, pronto! era hora de cortar o beijo. Conforme bem sabem os produtores de filmes, até os adultos riem nas cenas de amor demasiado longas, por várias razões psicológicas, inclusive a inveja.

O público sempre amou os pares amorosos do cinema. Quem não vibrou com as cenas de amor de Glória Swanson e Wallace Reid? só quem não as viu. Hoje, muitas dessas pessoas, já mais velhas mas provavelmente não menos românticas, adoram ver as cenas de amor de Esther William e Van Johnson. Até já não ligam muito aos atores, gostam é das cenas.

E Shakespeare pode-



Ingrid Bergman também amou na tela Gary Cooper. Foi um amor muito convincente.

ria ter-se referido a John Gilbert e Greta Garbo, Clark Gable e Jean Harlow, Montgomery Clift e Elizabeth

Taylor, quando escreveu "All the world loves a lover..." (Todo o mundo ama um amante...)

"Fúria" mostrou ao público como a Ruth Roman sabe amar. Michele Morgan e Henri Vidal participaram do filme.



Prisioneira da NOITE

(ROMANCE DE LÁSINHA LUIS CARLOS DE CALDAS BRITO)

RESUMO DO CAPÍTULO XXXI

Hugo parte para os Estados Unidos, deixando o filhinho interno num colégio. Evangelina recebe uma carta de Teodoro que lhe diz que, apesar de amá-la sempre, perdara as esperanças e, sabendo que Maria da Luz ainda o queria e ficava viúva, resolveu voltar para a sua companhia. O outro editor a quem Evangelina entregou "Marabá" telefona recusando-a. E inutil. O destino da obra é mesmo perder-se no nada. Tal qual Evangelina... Arnaud anda meio afastado. Evangelina reclama a sua presença, embora não lhe de esperanças. Chegam cartas de Hugo, cheias de des-

lumbramento com os Estados Unidos. Lara, porém, resignada, diz que esperará sempre. E sente-se feliz assim. Sentindo o vazio da sua vida insuportável, cento dia Evangelina procura Arnaud, que sentia ir-lhe escapando também, e diz-lhe compreender que tem sido uma tola, não o compreendendo... O rapaz confessa-lhe, então, que, tendo perdido as esperanças, após tantos anos infrutíferos, tomara uma resolução: ia casar-se com uma mulher muito boa, com quem vivera todos esses anos, e a quem tinha muita amizade. Evangelina sente que tudo lhe escapa, numa fuga sem remédio.

CAPÍTULO XXXI

Pensou vagamente no amor, durante alguns dias. Com espanto verificou diante do espelho o aparecimento do primeiro cabelo branco.

— Estou muito moça para ficar com a cabeça branca. Que absurdo!

Que Valéria a pena pintar os cabelos? Deu de ombros.

Comunicou o fato a Lara. Isso não quer dizer nada, consolou a amiga. Há pessoas que com vinte anos já estão cheias de cabelos brancos. Conheço uma moça que...

Mas nada disso a interessava. Nem se lembrou de arrancar o fio branco importuno. Continuou a viver. Um mês depois foi convidada para o casamento de Arnaud. Sentiu uma indisposição no dia e não compareceu, enviando uma "cartinha". Começou a viver uma vida cinzenta, despidida de emoções e sensações. Tudo o que lhe acontecia, parecia que não era com ela.

Sou duas pessoas, pensava. Enquanto uma está dormindo, a outra está vivendo, está fazendo esses gestos, dando esses passos, andando, comendo, bebendo. A que está dormindo já está adormecida para sempre... Talvez possa acordar... Mas, para que? Todas as vezes que desperta, é para adormecer de novo... Tenho dentro de mim "a bela adormecida", à espera de um príncipe que não existe... Todas as vezes que um príncipe me apareceu, achei preferível que tivesse continuado sempre no sono... O melhor da vida é o esquecimento. E o não-ser. Não sei viver. Tenho uma incapacidade para a vida. Minha beleza externa não corresponde a coisa alguma. Sou uma garrafa vazia, de um vinho que se perdeu. Como se perdeu esse vinho? Não sei. Não o vi escapar da garrafa. Restou-me dele somente a essência. Essa essência perturba a minha vida. Fala-me de qualquer coisa passada, de um esplendor morto, de um gosto perdido.

Lara dera ainda alguns passos no sentido de ser editada "Marabá". Voltara, porém, sempre com a mesma resposta negativa. Por fim, o próprio Porfírio, que também se esforçou pelo seu lado, chegou à triste conclusão de que a obra era imperfeita. "Ninguém seria aceita."

— Não está dentro dos moldes clássicos, nem é bastante nova a ponto

de aparecer como um renascimento, como uma voz nova, de arte nova. Temos que desistir, que remédio?!

A certeza do gênio falhado de Avelino enchia-os de insupportável tristeza. Sem quarter, Evangelina comparava-se a "Marabá".

Que tenho feito senão andar, como o meu velho pai, à procura de uma música perdida? Toda a minha vida tem sido um esforço no —: — (Continua na pág. 38)



Liberdade Rfo

— Em que é que a guerra pode influir na nossa união? — perguntou Lara séria.

BINGO!

COMO O REPORTEUR, ENTRANDO EM UM CLUBE ESPORTIVO, JULGOU ESTAR INGRESSANDO EM UM CASINO DE JOGO — NAO HA PREMIOS EM DINHEIRO, MAS HA O ESPIRITO DA JOGATINA — ADOLESCENTES EMPOLGADOS PELO JOGO DE AZAR — QUALQUER COISA ERRADA POR AI...

(Texto de ROBERTO LOBO)

(Fotos de MOZART)

— Você já foi a uma sessão de Bingo? Não? Então vá...

E fomos, atônitos pela curiosidade de assistir a uma nova maneira de recreação.

— E ótimo... formidável! — diziam-nos.

Tendo na mente esses qualificativos, apresentamo-nos para participar de uma noite gostosa, animada, alegre, e da moda: o Bingo está na moda.

No Botafogo, no Fluminense, no Ginástico Português, o Bingo é uma instituição. Já consta do programa social de quase todos os clubes.

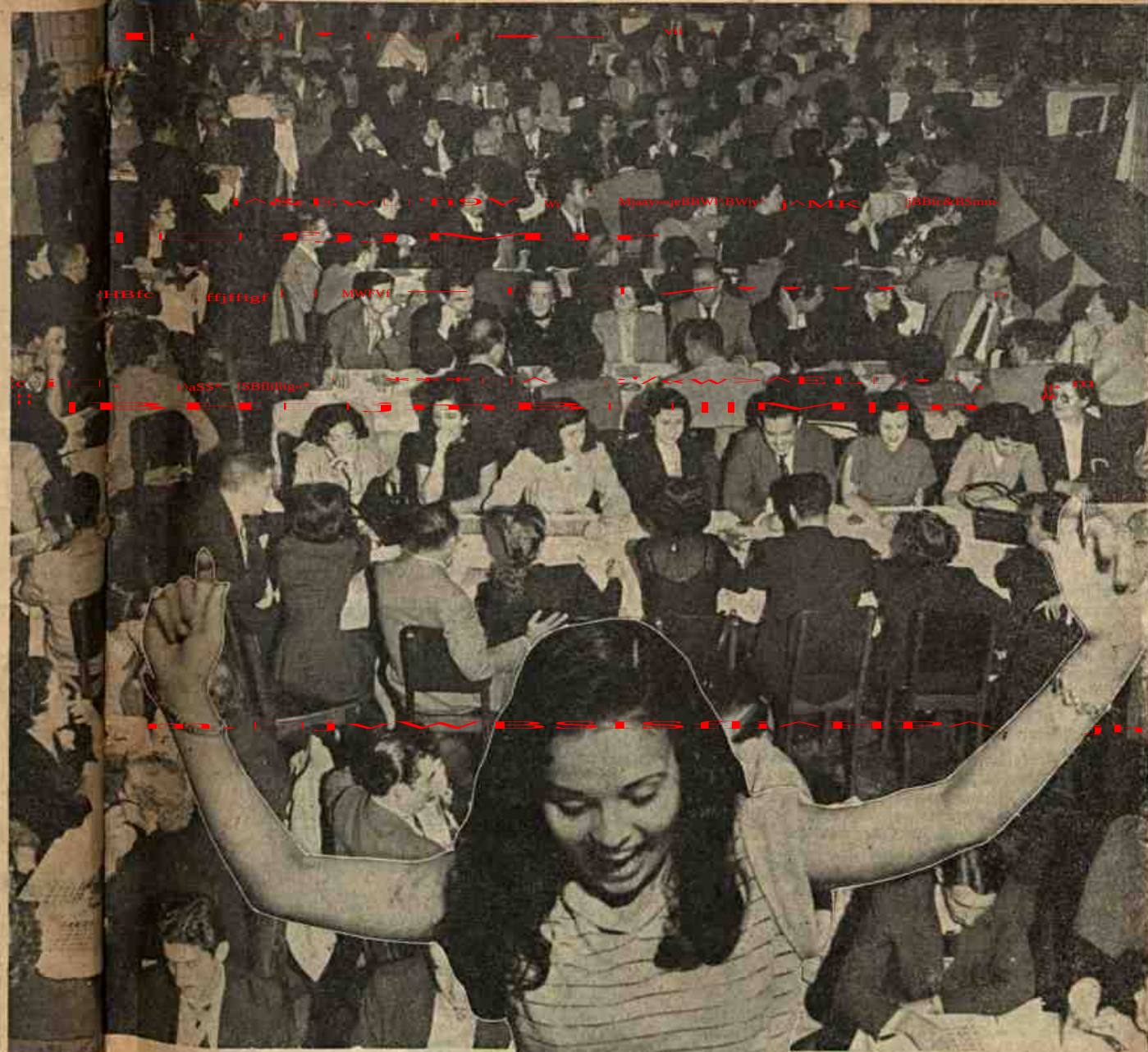
E assim, antegozando uma reunião diferente e cheia de atrativos, dirigimo-nos à sede deliciosa do Botafogo de Futebol e Regatas.

Subestimávamos o jogo, não sabíamos quanta popularidade já havia ele obtido.

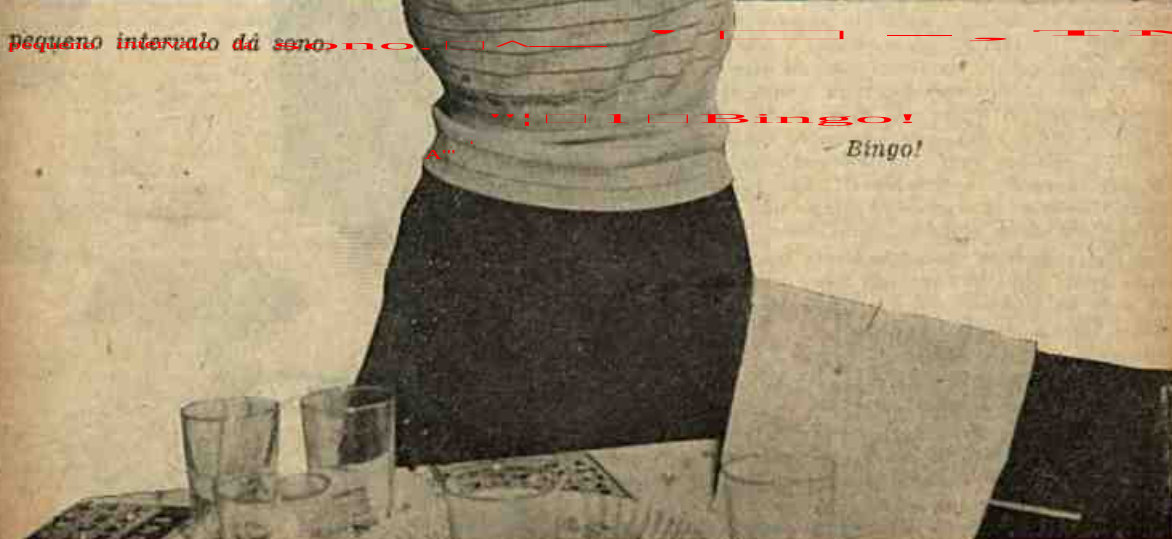
As dependências do simpático Glorioso estavam repletas. Centenas de pessoas enchiam os salões de baile, o "hall", as galerias, o restaurante, e, quando menos esperávamos, até nos recantos mais afastados, até nas escadas, em cima dos degraus, nos debravamentos, surpresas, com um cavalheiro, ou uma dama, ou um casal, ou um grupo, às voltas com milhões e cartões.

O Bingo reina com absoluta majestade, com tirânico poder, absorvendo tudo, tomando todos os espa-

No alto — O Bingo é um derivativo para se fugir da realidade... No centro — ... até nas escadas, em cima dos degraus... Em baixo — ... acambrando atenções e pensamentos.



Um pequeno intervalo da sessão.



Bingo!
Bingo!



A voz feminina substituiu por alguns instantes a voz lenta. Por isso, ela ouviu muita reclamação: "mais devagar, mais devagar".

quem tais recursos paradoxais para reforçar suas caixas.

O Bingo é um jogo inocente, compatível com os que campeiam por aí, em clubes, ou, melhor, em cassinos de porta aberta.

Mas, embora relativamente ingênuo, ele não deixa de ter uma perniciosa faceta, e não convém, não se adaptar, forçosamente, a grêmios, cuja finalidade precípua é a cultura física, e, por conseguinte, a boa formação moral de nossa gente.

ções, monopolizando todas as cadeiras, açambarcando atenções e pensamentos.

Não é pretexto para danças, não é motivo para uma festa, como supramanos. É uma instituição exclusivista, que dá margem para mais nada, a não ser um pequenino "show", aplaudido por formalidade pela plateia, ávida de reencetar o jogo interrompido.

É uma instituição organizada, com microfones, alto-falantes, esferas e tudo.

A voz lenta (B 47.4...7); G 15...1...5) arrasta o ambiente numa espécie de torpor, e a tonalidade fôca da indiferença, igual, plana, sem nuances, tem a monótona sonoridade da extração de loteria.

Anelões, jovens e adolescentes, olhos praguejados nos cartões, alheiam-se ao resto do mundo.

Naquela sessão, que se estende por mais de 2 horas, eles só têm um objetivo: ganhar. Bingo. Não há anseios de lucro propriamente, nem tampouco temor de perdas maiores. O cartão custa apenas vinte cruzeiros, e os prêmios, alguns até nem são cobigatios. Existe, porém, o espírito da jogatina, dominador, que avassala todos os sentidos, prendendo-os a um jogo em que não entra a menor parcela de técnica ou de recursos pessoais, mas unicamente o azar.

É possível que os mais velhos sintam no Bingo um derivativo para, afundando-se nele, fugir da realidade, escapar da contemplação da vida, nesta época de desequilíbrio social e econômico. Os mais jovens, porém, os adolescentes, estes encontram ali uma perigosa escola, um ambiente propício à sua dissolução, um primeiro degrau de vício. Porque não são a natureza dos prêmios e a ambição dos lucros que formam o jogador, mas a integração deste no espírito da jogatina, o seu gosto, e mais tarde o seu delírio, pelas emoções do azar.

O fato, a verdade verdadeira é que, as atitudes dos participantes do Bingo não diferem muito das atitudes daqueles que encaminham em torno de uma roleta.

Não estamos aqui movendo nenhuma campanha de descrédito contra o Botafogo. Longe de nós tal idéia, mesmo porque as sessões de Bingo não constituem exclusividade desse clube, e assim como a nossa reportagem foi elaborada sobre flagrantes fotográficos em sua sede, podia ter sido composta sobre instantâneos tirados na sede de qualquer outra agremiação em que o Bingo tenha assentado o seu império.

Estamos aqui combatendo o jogo e não o clube, jogo já proibido pela polícia de costumes e não sabemos por que cargos d'água agora permitido.

É provável que o Bingo constitua uma fonte de renda, mais que uma fonte de renda, uma espécie de "el dorado", tal a rapidez de sua disseminação e o forte apoio que lhe dão as diretorias.

O que não se pode conceber, no entanto, através do bom-senso, é que agremiações destinadas à eugenia bus-

A perigosa atração das emoções do azar.



EUFORIA

Conto de KATHERINE MANSFIELD

(Tradução de LASINHA)

EMBORA Berta Young tivesse trinta anos, tinha ainda desses momentos em que se quer correr em vez de andar, sair dançando pelas calçadas, atirar um arco, jogar qualquer coisa no ar e tornar a pegá-la, ou ficar quieta e rir — de nada — de nada, simplesmente.

Que se pode fazer quando se tem trinta anos e, ao virar a esquina da rua, se é vencida, subitamente, por um sentimento de euforia — euforia absoluta! — como se se tivesse engolido de repente um brilhante pedaço do sol da tarde e ele ardesse dentro do peito da gente, mandando para fora um pequeno chuveiro de falsas emanações.

Oh, haverá um meio de exprimir essa sensação, fora do habitual e desordenado? Como é idiota a civilização! Para que dar-nos um corpo se temos que conservá-lo fechado num estajo como um violino muito raro?

— Não, violino não é bem o que eu quero dizer, pensou ela, subindo os degraus e remexendo na bolsas a procura da chave — esquecera-a, como sempre — e batendo na caixa do correio. — Não é o que eu quero dizer, porque... — Obrigado, Maria — entrou no "hall". — A ama já voltou?

— Sim, senhora.
— E as frutas vieram?
— Sim, senhora. Veio tudo.
— Traga as frutas para a sala de jantar, está bem? — Vou arrumá-las antes de subir.

Estava escuro na sala de jantar e um tanto frio. Mesmo assim, Berta tirou o capote; não podia mais suportá-lo, pois apertava-a, e o ar frio caiu-lhe nos braços.

Mas conservava ainda no peito aquele ponto brilhante — e o chuveiro de falsas coisas que dele saía. Era quase insuportável; quase nem ousava respirar com medo de, abanando-o, aumentá-lo; no entanto respirou fundo, fundo. Quase nem ousava olhar-se no espelho frio — mas olhou, e ele lhe devolveu a imagem de uma mulher radiante, de lábios trêmulos e sorridentes, olhos grandes e escuros e um ar de quem escuta, à espera de alguma coisa... uma coisa divina que vai acontecer... que se sabe que deve acontecer... infalivelmente.

Maria trouxe as frutas numa bandeja, uma tijela de vidro e um prato azul, lido, com estranho brilho, como se tivesse sido mergulhado no leite.

— Devo acender a luz, Madame?
— Não, obrigada. Vejo muito bem.

Havia tangerinas e maçãs com molho cor-de-rosa, de morangos. Algumas peras amarelas, macias como seda, algumas uvas cobertas de florescências prateadas e um grande cacho de uvas vermelhas. Berta últimas ela comprara a fim de combinar com o novo tapete vermelho da sala. Sim, isso até parecia absurdo, mas fora por esse motivo que as comprara. Pensara, na quitanda: — Preciso de umas bem vermelhas para fazer com que o tapete suba até a mesa. — E naquele momento isso lhe parecia bastante razoável.

Após ter feito duas pirâmides dessas fulgentes formas redondas, afastou-se da mesa para aquilatar o efeito — e na verdade era dos mais curiosos. Pois que a mesa escura parecia derreter-se na luz penumbrosa e o prato de vidro e ao mesmo tempo azul pareciam vogar no espaço. Isso, no seu estado de espírito, é claro, era tão incrívelmente belo... Começou a rir.

— Não, não. Estou ficando histérica. — E tomou da bolsa e do capote e subiu as escadas depressa, para o quarto da filha.

A ama estava sentada a uma mesinha pequenina dando à Bêzinha o seu jantar, depois do banho. A criancinha trazia um vestido branco de flanela e um casquinho de lã azul, e o seu belo cabelo escuro estava preso no alto da cabeça. Ergueu os olhos à entrada da mãe e pôs-se a dar saltinhos.

— Vamos, queridinha, coma como uma mocinha, — disse a Ama, movimentando os lábios de um modo que Berta bem conhecia, e que significava que ela entrara no quarto da menina em ma hora.

— Era se comportou bem, Babá?

— Foi um amor a tarde inteira, murmurou Babá. Fomos ao parque e eu fiquei sentada numa cadeira, tirei-a do carrinho, veio um cachorro enorme e pôs a cabeça no meu joelho; e ela segurou nas orelhas dele e acariciou-o. Oh, a senhora precisava ver.

Berta quis perguntar se não era perigoso deixar a menina acariar um cachorro desconhecido. Mas não ousou. Ficou-se a olhá-las, com as mãos caídas, como a meninazinha pôde diante da meninazinha rica que tem a boneca.

A criancinha tornou a olhar para ela e sorriu de modo tão encantador que Berta não pôde deixar de exclamar:

— Oh, Babá, deixe que eu acabo de dar o jantar a ela enquanto você vai recolher as coisas do banho.

— Bem, Madame, não se deve tocar de mão enquanto ela está comendo, disse Babá, ainda em murmúrio. — Isso a põe nervosa; tenho a certeza. — Que absurdo! Por que ter uma filha se ela tem que ser conservada — não num estajo como um violino muito raro — mas nos braços de outra mulher?

— Oh, não! disse ela.

Muito ofendida, Babá entregou-lhe a menina.

— Agora, não vá excitá-la depois da refeição. A senhora sabe que a excita, Madame. E depois eu é que tenho o trabalho de acalmá-la!

Graças a Deus! Babá saiu do quarto com as toalhas de banho.

— Agora tenho você só para mim, minha preciosidadezinha, — disse Berta, e a criança atirou-se para ela.

Comeu com delícias, estendendo os labozinhos para a colher e agitando as mãozinhas. Algumas vezes não deixava a colher sair; e, de outras, quando Berta tinha acabado de enchê-la, jogava-lhe o conteúdo longe, aos quatro ventos. Quando a sopa terminou, Berta foi para a lareira.

— Você é um encanto, um verdadeiro encanto! disse, beijando a meiga filhinha. Eu adoro você. Adoro.

E, na verdade, adorava tanto a sua Bêzinha — o pesocinho dela, quando ela o esticava para a frente, os dedinhos do pé, tão delicados, parecendo transparentes à luz do fogo — que toda aquela sua sensação de euforia lhe voltou, e novamente não soube como exprimi-la — e que fazer dela.

— Estou chamando a senhora ao telefone, disse Babá, voltando triunfante e agarrando a "sua" Bêzinha.

Correu para baixo. Era Harry. — Oh, é você, Ber? Olha aqui, vou chegar atrasado. Tomarei um taxi e correrei o mais que puder, mas atrase o jantar de uns dez minutos, está bem? Combinado?

— Está bem, sim, oh! Harry!

— Que é que há?

(Continua na página seguinte)

As narinas de Harry tremoram; seus lábios encrespavam-se em desolado sorriso, enquanto murmuravam: "Amanhã", e com as pálpebras Miss Fulton disse: "Está bem".



EUFORIA

(Continuação)

Que tinha a dizer? Nada. Queria apenas entrar em contato com ele, por um momento. Não podia gritar absurdamente: — Não achou divino o dia de hoje? — Mas que é que há? insistiu a voz do marido. — Nada. Está combinado, disse Berta, e desligou o aparelho, pensando no quanto a civilização era mais que

Tinham visitas para jantar. Os Norman Knights — um casal muito simpático — ele ia abrir um teatro, e ela entendia muito de decoração de casas, — um rapaz, Eddie Warren, que acabara de publicar um livro de versos e que todo mundo convidava para jantar, e uma "desquerberta" de Berta, chamada Pérola Fulton. O que Miss Fulton fazia, a própria Berta não sabia. Tinham-se conhecido no clube e Berta apaixonara-se por ela, como sempre o fazia com as mulheres bonitas que tinham qualquer coisa de estranho.

O ponto mais provocante do caso é que, embora tivessem estado juntas e se tivessem encontrado inúmeras vezes e conversado muito, Berta ainda não sabia bem como classificá-la. Até certo ponto, Miss Fulton era extraordinária e maravilhosamente franca, mas a questão era esse ponto, para além do qual ela não oferecia acesso.

Haveria alguma coisa para além desse ponto? dissera Harry. — Não. Ele achara-a pesadona e fria como todas as mulheres loucas, talvez ligeiramente atacada de anemia cerebral." Mas Berta não concordara com ele; de modo nenhum.

— Não, aquele modo que ela tem de se sentar com a cabeça um pouco de lado e sorrir, há qualquer coisa por detrás daquilo, Harry, e eu preciso descobrir o que é.

— O mais provável é que seja um bom estômago, respondeu Harry.

Ele insistia em responder aos comentários de Berta assim... "pessoa mal do fígado, meu bem..." ou "deve ter gases" ou "está com o fígado podre" e daí por diante. Por algum motivo estranho, Berta gostava dessas observações, e quase e admirava-as por isso.

Foi até a sala de visitas e encontrou o sogro; depois, recolhendo as almofadas uma a uma, que Maria dispusera com tanto cuidado, atirou-as de novo nas cadeiras e nos sofás. Que diferença! a sala parecia viva, depois disso. Ao atirar a última surpreendeu-se acariciando-a de repente, apaixonadamente, apaixonadamente. Mas isso não emocionou o fogo que trazia no peito. Oh, ao contrário!

As janelas da sala de visitas davam para um terraço que dominava o jardim. Na extremidade, afastada, junto ao muro, havia uma persea alta toda cheia de flores; ali estava, perfeita, serena de encontro ao céu verde-jade. Berta não pôde deixar de observar, mesmo a distância, que ela não tinha um único botão ou pétala murcha. Mais para baixo, nos canteiros do jardim, as tulipas vermelhas e amarelas, carregadas de flores, pareciam curvar-se ao crepúsculo. Um gado cinzento, arrastando a barriga, passou pelo gramado, e um outro, preto, como sombra acompanhou-o. A visão de ambos, tão intensa e rápida, deu a Berta um curioso arrepios.

— Como os gados rastejam! observou ela, e saiu da janela e pôs-se a andar dum lado para o outro.

Como os jacuzziños perfumavam a sala quente! Demais? Oh, não. E então, como subjugada, atirou-se a um sofá e apertou os olhos com as mãos.

— Estou feliz de mais... demais! murmurou.

E pareceu-lhe ainda ver a adorável persea com as suas longas flores abertas como um símbolo de sua própria vida.

Na verdade... na verdade... ela tinha tido. Em moça. Harry e ela continuavam amando-se como sempre, viviam esplendidamente e eram ótimos companheiros. Tinham uma filhinha adorável. Não precisavam preocupar-se em matéria de finanças. Possuíam aquela casa e aquele jardim inteiramente satisfatórios. E amigos — modernos, empolgantes, escritores, pintores, poetas, gente entendida em questões sociais — o tipo dos amigos de que eles gostavam. E havia livros, e música, e ela descobrira uma costureirazinha maravilhosa, e iam para fora no verão, e a sua nova cozinha fazia as omeletes mais formidáveis...

— Estou absurdo. Absurda! — Levantou-se; mas sentiu-se estonteado, inteiramente bêbado. Deveria ser a primavera.

Sim, era a primavera. Agora sentia-se tão cansada que não aguentava arrastar-se pelas escadas para ir vestir-se.

Um vestido branco, um colar de contos de jade, sapatos verdes e meias. Não era de propósito. Pensara nesse conjunto horas antes de ficar parada no terraço da sala de visitas. □ (Continuação na página 15)

decoração

Colaboração de YEDA FONTES

O A B C DA DECORAÇÃO

PINTURAS E SUAS MOLDURAS

Entre as fases de menor importância da decoração, a própria moldura das cortinas e dos quadros é de grande importância.

Uma sala cuja mobília é barata e pouco interessante, pode tornar-se mais agradável, se collocarmos um bom quadro; enquanto que, um quadro ruim em um interior de bom gosto, diminui o valor de suas peças.

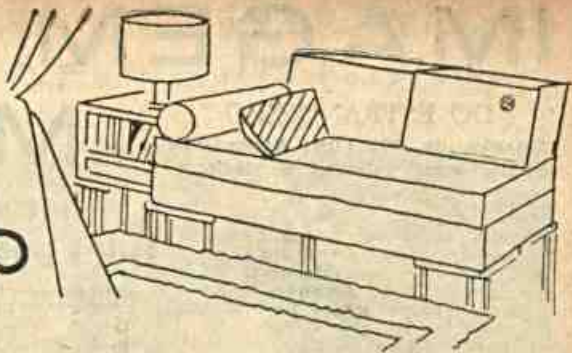
A principal dificuldade no arranjo dos quadros, é devido, em geral, ao fato de que eles são muito estimados pelos seus possuidores, dificultando ao decorador a sua remoção. Quanto a mobília, por vezes, pode-se sacrificar um pouco com menos resistência, mas com os quadros, é muito mais difícil, pois eles em geral são adquiridos gradualmente e fazem parte da vida dos ocupantes. Devemos pois estudar bem a sua colocação. Eles são comumente de diversos tamanhos e caráter, variando desde o retrato de família a óleo, até os pequenos quadros de água-forte. A sua arrumação depende do espaço disponível e com o seu caráter e local apropriado.

As molduras são de grande importância, aguarelas, águas-fortes, pinturas a óleo, pinturas japonesas, crayons e fotografias, requerem todas elas variações nas molduras. Algumas são melhores debaixo de vidro, outras não, mas requerem ornatos nas molduras, e há ainda outras que devem ser o mais simples possível.

As molduras das gerações passadas, eram muito trabalhadas e pesadas. Algumas eram sobrecarregadas pela caixa de sombra, sendo por vezes mais importantes que o quadro que traziam, assim a função da moldura era mostrar o menos possível a pintura. Além disso não eram de madeira entalhada e dourada como no século XVII, eram feitas de gesso. Os desenhos eram pobres, fora de escala e de caráter comercial. Atualmente estas molduras são exigidas para as pin-

do LAR

Ilustração de CARLOS FERNANDO.



turas originais e também para ultra-modernas, dando o toque de originalidade.

A explicação de molduras antigas nos quadros modernos, sofre o processo de remoção da folha de ouro, deixando a moldura em "decapê". As pinturas antigas, especialmente dos velhos mestres, exigem molduras ricas. As telas italianas, em particular, com a riqueza do seu colorido, pedem sempre uma moldura rica, pois o dourado ajuda a harmonizar as cores, sem competir com elas.

Em certas madeiras pode-se adicionar um pouco de colorido (com bom gosto) tendo o cuidado de preservar as cores da pintura as quais estes toques devem igualar.

As molduras italianas eram usualmente de desenho arquitetural, flanqueada em muitos casos por colunas e pilastras, e em cima tinham arcos nos frontões com desenhos e arabescos em relevo. Nas molduras mais raras encontravam-se motivos religiosos, os quais predominavam naquela época. Para os retratos as molduras eram mais simples. Nos quadros que tenham molduras originais não se deve retocar o dourado.

Durante a Renascença, na Espanha, fizeram-se muitas molduras de entalhes delicados. Os entalhes eram mais rústicos do que os franceses e italianos, mas as suas notáveis originalidades eram sempre procuradas no mercado decorativo.

Em regra as pinturas a óleo antigas, podiam ser molduradas sem vidro, e ainda que hoje esteja em voga uma "borda de madeira" estreita, pinta-se em cor natural de linho ou se deixa na madeira. "Borda de madeira" é um termo técnico para o "tórnum" estreito. As superfícies dos quadros precisam de proteção contra o tempo, e quando estão sujas pode-se limpá-las com um algodão molhado.

As pinturas modernas requerem molduras simples, mais do que as antigas.

As paisagens em pequena escala, quando têm muitos detalhes deve-se colocar numa moldura simples, enquanto os retratos permitem molduras mais trabalhadas.

Para o moderno as molduras de ouro fôco ou prata com linhas douradas, são as melhores.

Para pinturas em papel é necessária a proteção do vidro.

A moldura de um quadro mostra bem o conhecimento do seu proprietário no campo da pintura. Uma escolha bem feita dá um certo "cachê" mesmo que a pintura não seja de primeira grandeza.

No "living-room" e nas salas de jantar, pode-se colocar certos quadros de paisagens, natureza-morta e alguns retratos a óleo.

Os quadros de "nô artistico" ficam melhores nos aposentos mais íntimos.

Para escritórios e salas privadas, deve-se escolher motivos objetivos, que falem somente por si, e transmitam algo de distração e repouso.

As flores pintadas são mais apropriadas para quartos, podendo servir de parte decorativa em qualquer lugar.



DO ESTRANGEIRO

Cotagões de FON-FON: Excepcional, Ótimo, Bom, Tolerável e Mediocre.

MOVIMENTO

PRÉ-ESTREIA

A QUADRILHA DE HILL MOB

PRESENCIADO EM LONDRES

ÓTIMO — "O 'leit-motiv' é o humor britânico.

Cada país tem as suas próprias características no tocante ao senso humorístico. Realmente, não pode haver um padrão internacional para a arte de fazer rir. O próprio estilo americano é mais adaptável a determinados povos, tem acentuada base geral para o país. Acontece, às vezes, que mesmo preso a um rumo um tanto regional, o celuloide encontra um esplêndido sabor. A idéia tem fundo satírico e neste campo o segredo constitui em ironizar sem se fazer quase sentir. Pequenas e grandes irreverências surgem espontaneamente, sem nunca lembrar a preparação. A habilidade deste filme está na argúcia com que o recurso foi utilizado. São apenas sutis insinuações que transparecem tanto ao governo da própria Inglaterra — ironia às autoridades da Scotland Yard, ao funcionalismo bancário, etc. — quanto ao estrangeiro. Assim, sempre na mesma e aguda discrição, sem procurar ferir nem chocar a França, por intermédio das suas exigências alfandegárias, também paga o seu tributo. Fora disto, o espetáculo é eminentemente divertido.

IMPREVISTOS e felônias partem da originalidade da história. Se há uma base psicológica, no tema íntimo da vida burguesa e pacata

do bancário, a qual bruscamente se transforma, também as situações foram desenvolvidas com muita curiosidade. O caso dos "souvenirs" da Torre Eiffel de Paris, transformados em adornos de ouro, tem uma base tão divertida quanto a direção de Charles Crichton. Não há pretensões de imitar o estilo dos mestres consagrados, no mesmo gênero na tela conforme o genial René Clair.

Esta é a primeira nota simpática, que continua com uma narrativa bem orientada quer em fixar piadas tipicamente britânicas quer em jamais permitir o desinteresse. Mesmo sem arroubos artístico, este filme consegue uma tão despreocupada alegria — fato raro em comédia — que merece uma ótima distinção.

Alec Guinness, o principal ator é atualmente uma popularíssima figura na Grã-Bretanha. A sua flegma em provocar o riso, a aparente indiferença, são traços valiosos. Trata-se de uma personalidade e não conforme é tão comum, um simples plágio de outra famosa carreira. A direção ajustou tão bem os diversos papéis que, por justiça, o melhor é referir o próprio elenco, com honras: — Stanley Holloway (Pendlebury), Sidney James (Lackery), Alfie Bass (Shorty), Marjorie Fielding (Mrs. Chalk), Eddie Martin (Miss Evesham), John Saleen (Parkin) e outros.

Uma das curiosas seqüências do filme, vendo-se Alec Guinness, o maior humorista do cinema inglês, ao lado de Stanley Holloway.



Teatro-**"Ballet"** e Música

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

O **"BALLET"** E A ÓPERA EM "CONTOS DE HOFFMANN"

"Ballet" e Ópera são antes distintas e diversas. Por vezes reunidas em espetáculos do **"bel canto"**, uma praxe que foi idealizada há séculos. Entretanto, apesar do seu poderio, o **"ballet"** em geral entra apenas como elemento decorativo. Há exceções conforme, por exemplo, **Offenbach**, em que os papéis são invertidos. Consequentemente, dado o interesse que o tema desta conjunção apresenta em imagens, vejamos algumas considerações sobre a conjunção que se observa no filme infeliz **"Os contos de Hoffmann"**, cujo aspecto cinematográfico já foi comentado nesta coluna.

BALLET — Os dez primeiros minutos apresentam o que o filme tem de melhor nesta grande arte. No prólogo, **"Dragonfly"**, idealizado especialmente para o cinema pelo grande coreógrafo **Frederick Ashton**, é um exótico e belo trabalho. Proporciona uma oportunidade muito adequada para **Moira Shearer** que a aproveitou com valor. Vale a pena citar, com justiça, o poder da cenografia para a atmosfera ambiente. Como contribuição ao cinema ao **"ballet"** há, também, alguns efeitos de luz simplesmente extraordinários. Na primeira fase do filme **"Conto de Olympia"** surge uma derivação para a **"Coppélia"**. Não se trata, porém, do **"ballet"** de **Saint Leon** e **Nutter** ou da coreografia de **Leo Staats** e sim de um arranjo de **Ashton**. O conjunto, movimentando-se na ideia geral de **"Marionettes"** representa o ponto forte. Aliás, aparece entre os próprios coadjuvantes o próprio **Ashton**. Pequena é a participação de **Moira Shearer** que está diferente **Swanilda**. Falta mais expressão para transmitir o ponto fraco da sua linda e graciosa técnica e, também, a esta altura do filme a atmosfera para o **"ballet"** já estava francamente prejudicada com o canto da ópera. Salvo raríssimas exceções, o **"bel canto"** rouba o espírito da dança clássica. O conto de **Giulietta**, segunda fase do filme, no qual **Lumilla Tchernina** é a personagem, não há oportunidade para **"ballet"**. Apenas no desfecho surgem pequenas **"piroettes"** desta bailarina, sem maior importância. No conto de **Antônia**, que não será exibido no Brasil nem em outros países, o qual assistimos em Londres, não há **"ballet"**. No epílogo, há umas variações bem cumpridas por **Moira** mas nada de marcante. Enfim, o ponto decisivo, está em **"Dragonfly"**, justamente no começo do filme.

ÓPERA — O domínio do espetáculo está na ópera. Graças aos especiais cuidados tomados, pela primeira vez aparece um espetáculo desta arte na tela. A estética da ópera encontra uma maleabilidade de movimentos que deve ter causado muito esforço ao autor do roteiro. A contribuição da plástica e da cenografia, particularmente nos contos de **Giulietta** e **Antônia**, é brilhantíssima. A escolha das cores e a combinação com a atmosfera geral é notável. Na lembrança final, nota-se que o cinema valoriza a ópera, circunstância que traz um aspecto novo perante o cinema, a este celulóide. Naturalmente que, dentro estas prerrogativas, deve ser encarado como algo diferente e não como arte de cinema, na aceção do vocábulo. Sente-se muita força expressionista.

NO **"SADLER'S WELLS"**

"SADLER'S WELLS" APRESENTA **"BALLET"** ESCOCÊS — A Ópera Real do Convent Garden não havia dado até aqui um espetáculo tão puramente escocês como o novo **"ballet"** de **Leonide Massine**, **"Donk of the Porthens"**, interpretado pelo corpo de bailarinos do **"Sadler's Wells"**. A história é inspirada em velhas lendas escocêsas e os cenários e vestuários criação de dois artistas escoceses, **Robert MacBride** e **Robert Colquhoun**, que residem atualmente em Londres. A coreografia lembra as danças populares escocêsas, especialmente as dos **Highlands**. Antes de compô-la, **Massine** fez estudos profundos sobre o **"folklore"** escocês e frequentava assiduamente os espetáculos de danças populares escocêsas organizadas em Londres durante o Festival da Grã-Bretanha. Após haver observado os dançarinos, perguntava-lhes sobre suas danças e tradições.

Esperava-se no momento necessário encontrar-se uma música escocêsas que se adaptasse ao tema do **"ballet"**, mas não foi possível e pediu-se a **Ian Whyte**, Chefe da Orquestra Escocêsas da **BBC** para compor uma partitura. Esta nova obra consta do programa de dezembro do **Covent Garden**.



Alicia Markova e Anton Doolin, em um lindo instante do filme **"Criselle"**, do produtor inglês **Buchanan**, um dos inscitos no Festival.

A DANÇA ATRAVÉS DOS POVOS

ENVIEM OS SEUS ENDEREÇOS

Entre a numerosa correspondência de **"A dança através dos povos"**, muitos esqueceram do principal: o envio do respectivo endereço. Publicamos hoje mais uma relação a-fim-de que os mesmos remetam as suas moradas. Canta de **Maria Leonídia de Souza**, Telegramas de **Maria da Glória Mello** e família, **Erdesvino Mattos**, **João Loureiro Filho**, **Wright**, **Irene Lazota**, **Hanne** (transmitido da **Av. Rio Branco**), **Nancy Pinheiro**, **Ondina Maio**, **Oscollera** (de **D. Pedro II**), **Silvin** e **Paulista Gomes Cardim**, **Haroldo Garcia Braga**. Com o intuito de mais rapidamente acertar o expediente da futura remessa, os informes poderão ser transmitidos pelo telefone 43-1527, exclusivamente com a srta. **Aidyre Bastos**.

NÃO ASSINADO E SEM ENDEREÇO!

Há casos mais difíceis para identificação e remessa, conforme o seguinte telegrama, transmitido da Praça 15 de Novembro, em caráter urgente, no dia 19 de novembro: **"Fico fimesa reservar três convites 'A dança através dos povos'".** Além da falta do nome, tampouco há o endereço. Alí está um caso que certamente, mais tarde, provocará injusta reclamação sobre a organização do Festival. A-fim-de que tudo possa ser sanado, em janeiro próximo, quando for da realização do Festival, e após ter sido anunciado em **FON-FON** e **"A Noite"** a notícia da remessa da correspondência pelo correio, a própria Srta. **Aidyre**, no mesmo telefone acima, e de posse do livro em que foram registradas todas as inscrições, poderá sanar os possíveis extravios.

MAIS ALGUNS DOS ESTADOS

Muitos são os entusiastas de arte que se dispuseram a viajar especialmente dos Estados a-fim-de presenciar os espetáculos. Além de **Minas Gerais**, **São Paulo**, e de várias cidades do Estado do Rio, trazemos hoje, outros adionistas deste último Estado: **Ivan Fernando da Silva**, de **Rezende**, **Avenida Nilo Pecanha 320** e **Júlia Marlene Pereira da Silva**, da mesma cidade, residente a **Praça da Bandeira 92**.

As pétalas do seu vestido roçavam maciamente o chão do "hall", e ela beijou a sra. Norman Knight, que chegara com o mais divertido dos casacos cor-de-laranja, com uma proclamação de macaquinhos pretos em volta da barra e na frente.

— Por que? porque? por que será que a classe média é tão indigesta — tão — altamente desprovida de senso de humorismo? Men bem, estou aqui mesmo por milagre — milagre de Norman! Pois os meus macaquinhos agitam o pessoal do trem e um homem chegou quase a me comer com os olhos. Não ria, não estava achando graça; se ele achasse eu não me importaria. Não, ficava só olhando, e isso me aborreceu horivelmente.

— Mas o melhor de tudo — disse Norman, ajustando um grande momento de ar de tartaruga no olho, — você não se importa que eu diga, hein, Face? (Em casa e entre amigos chamavam-se um ao outro Face e Mug). — O melhor de tudo foi quando ela, sem aguentar mais, voltou-se para a mulher que ia ao lado e disse: Nunca viram um macaco antes?

— É, sim, — e a sra. Norman Knight juntou-se à risada geral. — Não foi mesmo formidável?

Mas ainda mais formidável era o fato de que, agora que ela tirara o casaco, parecia igualzinha a um macaco muito inteligente — como é aquele vestido de seda amarela fosse feito de cascas de banana. E os seus brânços de âmbur pareciam nozes penduradas.

A campainha tocou. Era o marido e o filho Eddie Warren (como de hábito) em estado de agudo desânimo. — E aqui mesmo a sua casa, é? interrogou.

— Oh, acho que sim, espero que seja, disse Berta sorrindo.

— Tive uma experiência tão pavorosa com um chofer de táxi! Ele era o tipo do sinistro! Não conseguia fazê-lo parar. Quanto mais eu bacia e chamava, mais ele corria. E aquela bizarra figura de cabeça chata, abaixada sobre o volante...

Estremeceu, tirando uma imensa "charpa" de seda branca. Berta observou que as suas meias também eram brancas, encantadoras, aliás.

— Mas que horror! exclamou ela. — Foi mesmo, um horror! disse Eddie, acompanhando-a à sala de visitas. Vi-me viajando para a Eternidade num táxi fora do tempo.

Ele contava os Norman Knight. Ia até escrever uma comédia para N. K., na ocasião em que se tratou da abertura do teatro.

— Então, Warren, que é da peça? disse Norman Knight, deixando cair o monoclo.

E a sra. Norman Knight: — Oh, Mr. Warren! que meias lindas!

— Que bom que a senhora gostou delas! disse ele, olhando os próprios pés. — Escio parecendo muito mais brancas, depois que a lua apareceu no céu! — E voltou o rosto magro, triste e jovem para Berta. — A senhora sabe, hoje temos lua.

Ela desejou exclamar: — Estou certa de que temos, sim, sempre, sempre!

Ele era mesmo um homem encantador. Mas Face também era encantadora, curvada sobre o fogo com o vestido cor-de-banana, e Mug também era, fumando um cigarro e dizendo, enquanto havia a cinza com o dedo: — Por que será que o noivo está demorando?

(Continua na página 44)

CINE

Especial para o FON-FON
Por LOUIS SERRANO

HOLLYWOOD, Novembro de 1951. "An American in Paris" foi sem dúvida alguma o melhor filme que vimos neste mês de Novembro. Unindo a beleza das coreografias maravilhosas a uma apresentação artística e diferente do Ballet moderno, "An American in Paris" ultrapassou em alguns ângulos o maravilhoso "Red Shoes", em nossa opinião um dos melhores filmes já apresentados. Leslie Caron, a descoberta de Gene Kelly, é realmente uma revelação, e sem ser bonita, une à sua habilidade artística uma graciosa e de meina, e um resto de colegial levada, que trouxe ao filme humor e naturalidade. Gene Kelly, com quem tive a oportunidade de conversar longamente sobre "An American in Paris", acredita piamente que este é o seu melhor filme, e a produção que sonhava por muitos anos. Não podemos deixar de concordar com ele que as seqüências do seu "sonho" foram feitas sob encomenda para a apresentação da sua habilidade de sapateador e dançarino. Completando o artístico e colorido do filme, temos a música de George Gershwin, interpretada pelo seu grande admirador e pianista Oscar Levant, responsável no filme, também, por bons momentos de humor. A voz de George Gershwin e a personalidade de Nina Foch, rica turista em casa de "excitement", na cidade de Luz, completam o "case" dum filme que trouxe a Hollywood um dos seus momentos de esplendor numa "première" feérica no "Elysium", famoso no Hollywood Boulevard. E bem merecem os aplausos da multidão que se comprimiu atrás dos cordões de isolamento os artistas que fizeram de "An American in Paris", um filme digno de ser visto.

Nossa Cotação: 4 Estrelas e meia.

Tony Martin acaba de filmar "Two Tickets to Broadway" e a sua atuação agradou de tal maneira ao seu "boss" Howard Hughes, diretor gerente da RKO, que este o contratou imediatamente para aparecer em "Both to Sing", uma história muito humana dum cantor popular que se fez conhecido cantando árias de operetas em compassos mais modernos, e terminando cantando operas. Para os fãs de Tony, será uma boa oportunidade de escutar o seu cantor predileto, pois o filme lhe dará uma ótima ocasião de usar a sua bela voz.

A produção "The Korean Story", sendo filmada nos campos e montanhas do Colorado, acaba de construir uma réplica exata duma aldeia coreana nos planaltos onde se está passando a ação da grande produção de Edmundo Grainger. Duzentos veteranos da guerra da Coreia foram chamados pelo estúdio da RKO para aparecerem no filme, e técnicos do exercício e marinha estão ajudando e dirigindo as operações militares do filme, para que tenha toda a autenticidade possível. Robert Mitchum e Ann Blyth são os principais artistas deste filme que promete não só trazer ação à tela, mas um documentário que ajudará o mundo a julgar melhor o que se passa nas montanhas da Coreia. Uma das cenas mais emocionantes será o ataque por aviões a

jaio a uma coluna de tanques, cena que será filmada por doze câmaras ao mesmo tempo.

Frank Sinatra aparecerá em "Double Dynamite", título definitivo de "Only Money", onde aparecerá com o "crooner" das mocinhas, Jane Russell e Groucho Marx. O filme é da RKO.

É sempre um prazer para mim conversar com "Jimmy" Stewart, e se preferir James Stewart. O alto e esguio herói de tanto filmes humanos e "terra a terra", que sabe re-



presentar tão bem que todos pensam que afinal aparecer diante duma câmara é coisa completamente casual, entre gestos bem seus e expressivos, assegurou-me que "Both to Sing" foi a produção mais dura que já teve de filmar. Não sei, Serrano, como puderam passar pelas montanhas os pioneiros que estavam "representando", quando nós com toda a ajuda de caminhões, tratores e o resto para "alisar" o caminho, sofremos um colosso para poder passar as mesmas estradas. Pode crer que quando me olhar na tela, suando e

"descoberta" de Gene Kelly, Leslie Caron, e grande dançarino do "Champs Elysées" de Paris, em estúdio de Hollywood.



cansado, não estava representando... nem foi efeito de "make-up". Imagine que às vezes estavam sendo filmados a uma temperatura de 90 graus, à sombra, e de repente num vale a temperatura batava a 258... No alto das montanhas o ar é tão leve que qualquer ação ou combate causava horrivelmente... e tivemos ação e combates de excitar qualquer veterano... e para terminar, me levaram para os rápidos de Sandy River, que tivemos de atravessar a cavalo, durante o inverno, com neve em toda a parte... que tal, Serrano, quer ser artista?... Creio que a resposta do leitor teria sido a mesma que a minha...

Esta é para os que pensam que todos os artistas de Hollywood não pensam assim em Night Clubs e "good times" fora de casa. Realmente o famoso Sunset Strip não passa duma Avenida entre os estádios e a sua casa para o casal Gary Grant. Não os tentam os Cinos, Mocinhos e todos os famosos lugares que fizeram deste trecho de Hollywood o "spot" ideal para os que não podem ter alegria sem rodeios por uma multidão. Ante a minha muita admiração pelo que estava me dizendo Gary Grant: "Para mim o único lugar onde me sinto bem é em minha casa", e a sua formosa senhora, Miss Drake para os fãs e Mrs. Grant "at home", juntou "pode crer que é uma coisa maravilhosa a vida doméstica, e sinto pena daqueles que ainda não a descobriram". Muitos nos perguntam porque não vamos aqui e ali, e a nossa resposta é sempre a mesma: porque queremos nos divertir e gozar a vida. E nos divertimos e gozamos a vida em casa, em "nossa casa". Mas há muitos em resposta porque não satisfazem e pensam que nos estamos amolando horrivelmente". Perguntei então delicadamente, como descobriram tal segredo. Foi Gary Grant quem respondeu: "Well, Serrano, quando não estamos no estúdio da Warner trabalhando, ocupamos o nosso tempo em ler, tirar fotografias, escrever e pintar... isto quanto a Betty... pois eu só gosto de ler, ou nadar e jogar tênis. Temos muitos amigos, e os queremos muito, mas prefero que nos venham visitar, do que ter que deixar a minha casa... sinto-me tão bem nela que é sempre com sacrifício que a deixo".

Rindo, Betty acrescentou: "É a única coisa que me faz clumenta, é o "amor" de Gary pela nossa casa". Já em meu carro, de volta da Warner para a minha pequena casa de Reseda, concordava com por cento com o casal Grant: nada como a "nossa casa"... quanto a "my life"... não temos tempo para isto!

O JAZZ NA EUROPA

(duma carta de Silvio Wander)
Uma maravilhosa noite teve lugar domingo no "Paris des Beaux Arts" de Bruselas. Diante de mais de quinhentas pessoas, Graeme Bell and his Australian Jazz Band, deram uma surpreendente demonstração da vitalidade do "good old style". O conjunto é formado de oito músicos que se entendem perfeitamente. O repertório é principalmente composto de velhos clássicos do jazz, tais como Royal Garden Blues, High Society, At the Jazz Band Ball, Basin Street Blues. O estilo da orquestra é ba-



Gene Kelly, que acaba de realizar o sonho de sua vida com a filmagem de "An American in Paris". Um grande filme elevando Kelly as alturas dum Fred Astaire...

sendo sobre o de New Orleans, mas como o próprio Graeme me disse: "Não não queremos copiar nenhuma orquestra, mas sim criar algo novo, e interpretarmos todos os números, novos ou antigos, à nossa maneira". E o estilo conseguindo duma maneira esplendida, pois não só os solos são distintos e cheios de originalidade, mas os conjuntos sem serem estridentes, são executados com harmoniosa vitalidade. A seção de ritmo é muito eficiente com um esplendido baixista lembrando Pops Foster. Na de metais destacamos Roger Bell, que em seus solos de trompa faz lembrar o inesquecível Rex Beiderbek. O clarinetista Pixie Robert, possui um estilo vici e não afinadinho como o de Artie Shaw ou Woody Herman. Teito ainda que mencionar Ade Monsboagh que faz maravilhas no sax alto, principalmente em Black and Fantasy (inspirando-se em Johnny Hodges) e em Anyhow, Anytime, Anyplace (com tendência a imitar Willie Smith). O solo de cornet de Johnny Sangster em "I don't mean a thing", foi qualquer coisa de notável. Ao piano Graeme Bell é emulo de Duke Ellington no que chamamos "piano-orchestra Style".

Antes de terminar, será interessante acrescentar que esta mesma orquestra esteve na Bélgica em 1947, não conseguindo então atrair uma centena de espectadores. Em quatro anos a popularidade do jazz em geral e de Graeme Bell em particular (devido à B.B.C. e aos seus discos) aumentou de tal forma que uma sala cheia e entusiasta reclamou uma série de números extras no fim do concerto.



A Vida e os nossos FILHOS



DR. HUMBERTO BALLARIN

Médico especializado em idade escolar. Do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa

COMO ORIENTAR O PERÍODO DAS FÉRIAS ESCOLARES ?

A finalidade desta seção lançada pela "Revista, Feita Para o Lar", foi a de colaborar com os pais na tarefa de orientar o desenvolvimento físico e mental dos entes queridos cujos destino lhes foi entregue por Deus.

Assim sendo, e baseado na experiência adquirida durante os 10 anos de direção da Colônia de Férias Tudo pelo Brasil, onde cerca de 3.000 coleionais de ambos os sexos procuraram a saúde ou simplesmente as férias, resolvemos sugerir alguns conselhos julgados oportunos para essa época do ano.

O aprendizado intelectual acelerado nos jovens escolares e precocemente iniciado aos 7 anos de idade, embora constitua um imperativo da trepidante civilização moderna não por isto deixa de ser um atentado biológico à criança normal.

Convinha ponderar que em idade tão imatura — 7 anos — pontos fundamentais não podem, impunemente, ser ignorados. Os pontos fundamentais para o desenvolvimento intelectual da criança ainda não se encontram convenientemente formados.

O número de células e o número de períodos de um indivíduo de 10 anos são provavelmente iguais aos do adulto, e é necessário, portanto, de imediato, permitir ao jovem responsável e um adulto instruído ou a uma criança, por mais inteligente que esta última tenha nascido.

A grande diferença entre o caráter da criança e o do homem está na volição, não no número de células. Portanto, não se deve exigir da criança o mesmo esforço intelectual que se exige do adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Deve também ser considerado o fato de que a criança não possui a mesma capacidade de adaptação ao meio ambiente que o adulto. Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Se a criança não é ensinada a trabalhar, ela não será capaz de trabalhar. Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Portanto, a criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto. A criança deve ser ensinada a trabalhar, mas não a trabalhar como o adulto.

Este desequilíbrio nervoso acarreta uma perturbação da saúde do coleion, traduzida pelos seguintes sinais:

- a) — falta de um bom desenvolvimento físico;
- b) — falta de apetite, que resiste a promessas e ameaças;
- c) — mau aproveitamento escolar;
- d) — sonolência anormal;
- e) — irritabilidade fácil;
- f) — resistência diminuída às doenças, etc.

A necessidade do descanso intelectual, previsto pelos sensores pedagógicos do século passado que fixaram em lei uma pausa obrigatória de 1 mês entre o 1.º e o 2.º semestre letivo, e outra de 2 meses entre dois anos letivos, não é observada via de regra pelos que mais precisam.

O desequilíbrio nervoso citado como o responsável entre outras causas pelo mau aproveitamento escolar, condiciona geralmente a errônea resolução dos pais em suprimir o descanso intelectual do aluno, obrigando-o a continuar no mesmo ritmo de vida, durante as férias escolares.

Qual a orientação correta a seguir?

A primeira medida a ser tomada é da alçada do Ministério de Educação, simplificando os novos antibióticos programas de ensino. Felizmente o atual titular da pasta já decidiu uma comissão para estudar o assunto. Não devemos esquecer, no entanto, que a urgência e a necessidade de uma substancial adequação dos programas de ensino aos modernos conhecimentos da biologia humana.

A segunda medida é adquirir o hábito de mandar um bom médico, pelo menos nesta época do ano, examinar minuciosamente os nossos filhos a fim de verificar se o desenvolvimento físico e mental está se processando de maneira satisfatória. Esta é a melhor época para reatuar, através de tratamentos ou regimes alimentares científicos, os desequilíbrios orgânicos existentes. A importância do exame periódico de saúde em idade escolar, já constitui assunto de alguns artigos publicados nesta seção.

A terceira medida é proporcionar vida ao ar livre, com uma movimentação física bem orientada de modo a permitir uma melhor coordenação dos movimentos.

Devemos proporcionar a criança a oportunidade de se expandir na liberdade de um campo ou de uma praia, sempre no convívio de companheiros da mesma idade. Se orientarmos estas atividades físicas de modo a torná-las também de caráter educativo, então estaremos recuperando com juros o intelecto infantil.

Portanto nas férias, aproveitem para burilar a educação moral dos filhos assunto hoje em dia abandonado na quase totalidade das escolas: não descuidar do desenvolvimento físico do escolar, submetendo a revisão médica rigorosa; equilibrar bem o regime alimentar com as atividades físicas e, por fim deixar que descansem do aprendizado intelectual intensivo, pelo menos durante um mês.

Com o presente artigo, encerramos a seção "A Vida e os nossos filhos", agradecendo aos nossos leitores a atenção dispensada.

FON-FON reiniciará, oportunamente, a publicação de sua seção infantil pelo que avisa, a quantos se interessavam por esta página, que ela voltará, semanalmente, logo que termine o período das férias escolares e dos festejos carnavalescos.

modas de FON-FON

Segredos...

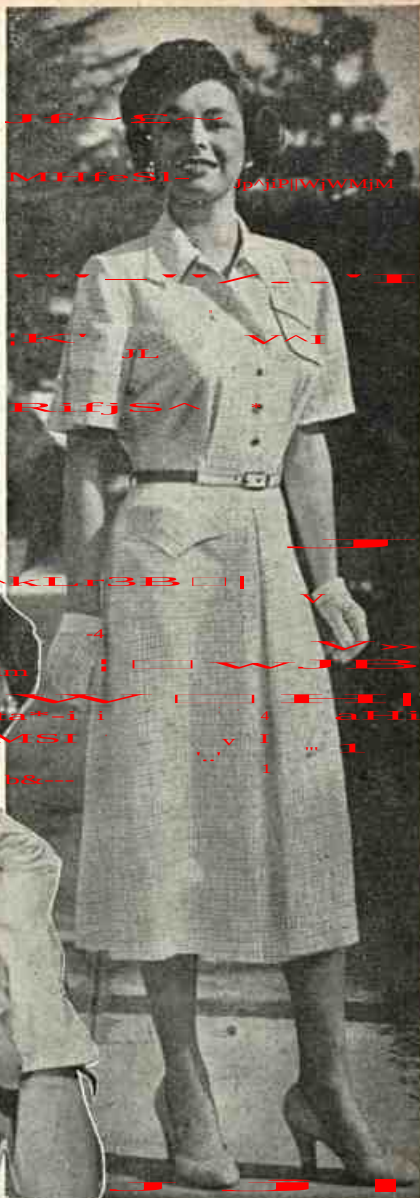
S poetas e os pintores têm celebrado frequentemente a graça e a frescura da adolescência. Quinze anos... Eis para a maior parte das mocinhas o momento em que a idade foi chamada de "maravilhosa". Mas, de repente de você, querida leitora, transformada em "idade encantadora". Entre os doze e os dezesseis anos, a sua filha deixou de ser uma criança, mas não é ainda uma mulher. Mui problemas se levantam, problemas que precisam ser estudados com todo o cuidado e carinho.

Vestir uma adolescente é sempre um problema. Ela deve ter exatamente o traje apropriado à sua idade, seu tipo, suas ocupações, para não parecer estar disfarçada nem de criança, nem de mulher adulta. Seus vestidos devem ter sempre um corte simples — largo ou estreito, segundo o caso — e deixar uma inteira liberdade de movimentos. Enfeites e detalhes complicados não são autorizados. Os tecidos serão sólidos, porém elegantes. Nada é mais jovem e gracioso que os escoceses de tons vivos, os "tweeds", as flanelas e os quadriculados. O cinzento, o azul-marinho e branco, o verde escuro servirão a todas as ocasiões e convêm nos trajes práticos. O primeiro vestido de baile será de "tulle", tafetá escocês ou "tulle pékin". É preciso evitar os tons muito violentos, pouco favoráveis à tonalidade da pele, bem como os tons muito desmuntados, que facilmente emprestam tristeza. Os vestidos serão alegrados por um colarinho branco e uma gravata de cores ou um laço no decote. Nenhum traje de passeio será perfeito sem uma boina de feltro, de camurça ou pequeno chapéu de abas redondas, que são acessórios tipicamente jovens e convenientes.

Os sapatos devem ser escolhidos com um cuidado todo especial a fim de não deformar nunca o pé em pleno crescimento. Os clássicos sapatos esporte e os "mocassins" são os mais confortáveis. Para a rua, os saltos médios são permitidos a partir dos quatorze ou quinze anos, porém os sapatos de "ballet" em verniz preto ou de saltos rasos são preferíveis. Com toda a probabilidade, a futura leitora, sua filha não gosta de usar meias de comprimento, tão pouco adequadas à sua idade; as meias "socquettes" delicadas, combinando com as luvas, são muito mais graciosas. Quanto às meias compridas, não serão usadas senão para a rua, e serão escolhidas as de nylon bem forte.

As adolescentes são frequentemente, ou muito cheias de corpo ou muito delgadas. Quando se trata apenas de um ligeiro desvio no peso que deveriam ter, nada há de inquietante, pois suas formas se afinarão ou se arredondarão um pouco mais tarde. Muitas mães, entretanto, são culpadas de deixar suas filhas engordarem, pensando que esta gordura é passageira. Não seria demais aconselhar a estas mães, que consultem um especialista antes que seja tarde demais, pois é neste momento que se decide se a adolescente terá ou não uma silhueta bonita. Em todos os casos uma vida sã e esportiva é necessária, paralela às longas horas dos bancos de escola. — G.B.

Vestido sem mangas em shantung rosa cor-de-rosa, desenhado por Jacques Fath. Acessórios em preto, e avental na frente da saia. Manequim 44, moldes de 7 a 12, no Suplemento anexo. — (Apl).



Gracioso vestidinho em algodão quadriculado, com saia enfiada por um macho no meio da frente, enfeite esse que se verifica igualmente no meio de cada manga, bolsos, gola e botões imitando botões. É uma sugestão de Ruth Roman, da Warner Bros. Manequim 48, moldes de 13 a 20, no Suplemento anexo.





1 MARIANA GUERRA LEMOS — (DF) — Este vestido de Schiaparelli em tecido "pied-de-poule" tem um original recorte abotoado na saia que termina por um bolso. Blusa fechada com punhos abotoados.

2 ANIE INFANTE — (Nova Iguaçu — Estádio do Rio) — Originais abas guarnecidas de bolsos e abotoaduras obliquamente em sentidos opostos adornam este modelo de piqué.

3 LAURA DUNKE — (Curitiba) — Dupla fileira de botões numerosos seguem o sentido do trespassse e do bolso deste vestido em linho amarelo.



- 1 **VERA SONIA** — (Florianópolis) — Este modelo simples e elegante, é abotoado na frente e possui ordens verticais de pregas estreitas.
- 2 **Mme. MARQUES** — (DF) — Este modelo caracterizado por drapeados entrelaçados no busto e nos quadris, é adequado à amostra de sedo que nos enviou.
- 3 **CÉLIA RODRIGUES** — (DF) — Adequado ao seu tipo, este modelo trespassado em "faite" flexível, tem a frente da saia rebatida sobre si mesma formando uma aba abotoada.



1. **Gracioso modelo em linho azul claro, cujo colete destacável deixa ver uma blusinha frente única em jérsi verde escuro. Saia ampla pregueada.**
2. **Vestido de noite em cetim cinza-gerola. Busto sem alças, com recortes em ponta abotoados. Saia reia com um apinhado de pregas estreitas na frente. Completa o modelo um "manteau" do mesmo tecido, forrado em cetim vermelho sanguíneo.**



1. MARIA GOMES — (São Paulo) — Em seda estampada, este modelo é drapado em um só lado, terminando por um movimento de trespassse na saia. Mangas três-quartos.
2. MARIA DE OLIVEIRA — (DF) — Para o seu jéssai prato, este modelo de drapados cruzados na frente da saia é muito distinto. Decote quadrangular, limitado por franzidos.
3. IGNÁCIA SOUZA LIMA — (Presidente Prudente — SP) — Para a amostra da fazenda que nos enviou, desenhamos este vestido de cujo amplo decote desce uma grande "charpe" que cobre a frente da saia.
4. MARINA NOGUEIRA — (Niterói) — Modelo em lã, guarnecido de bordados que descem da blusa até a barra da saia.



1 Conjunto formado por um vestido sem alças, acompanhado por um amplo "ma-teau" em shantung azul-marinho e for-rado em seda cinza, com "pôis" branco. O vestido é confeccionado com o mesmo material.

2 Vestido-esporte com mangas raglan e original re-corte nervurado na fren-te da blusa. Prega funda na frente da saia.

3 Vestido de alças em pe-nena quadriculada bran-co e preto, acompanha-do por um bolero "avo-sé", de mangas largas.

4 Modelo juvenil em linho, cuja saia enviesada tem um pequeno recorte na frente, abaixo do qual a saia tem um fusto godê. Blusa-quimono com um corsete justo.

Gil Brandão
Rio

1 ELISA CARLINE — (São Paulo) — Vestido de linho branco, blusa-quimono, cujo transpasse oblíquo se prolonga até às costas da saia. Pence sólida e dupla fileira de botões.

2 ELOISA ELENA CARVALHO — (DF) — Também de linho, este vestido é guarnecido na cintura de renda "gimpure". Amplo decote trespassado.

3 JOANTINHA — (Rio Claro — SP) — Vestido de seda pesada, guarnecido de viéses brancos recortados na gola e nos punhos. Frente da saia franzida.

4 ALICE C. BUENO — (Taubaté — SP) — Este modelito de shantung azul, tem a gola simétrica, os punhos e as abas da saia em organdi branco.



1 Mme. MATTEO — (DF) — Em seda, usada este modelo leva abotoamentos que terminam em arrematados, que se cruzam, nos quadris e no decote. Chapeu de estilo chinês em palha fantasia. Nota: que os acessórios são de cor preta.

2 MAGNOLIA PASSOS — (DF) — Falso costume em tecido de listras finas, com peitilha branca imitando colar. Vieses brancos nas mangas e na aba da saia.

3 ESTER MEYER — (DF) — Para a esposa da fazenda que nos enviou, apresentamos este modelo cujo decote recortado se prolonga num trançado oblíquo, em sentido oposto ao da saia. Na cintura, uma "charpe" formada por faixas de várias tonalidades (preto, verde e cinza).



1 ILZA OLIVEIRA — (Recife) — Vestido em organdi permanente es-
tufado, adornado de gola, punhos
e viéses em organdi liso.

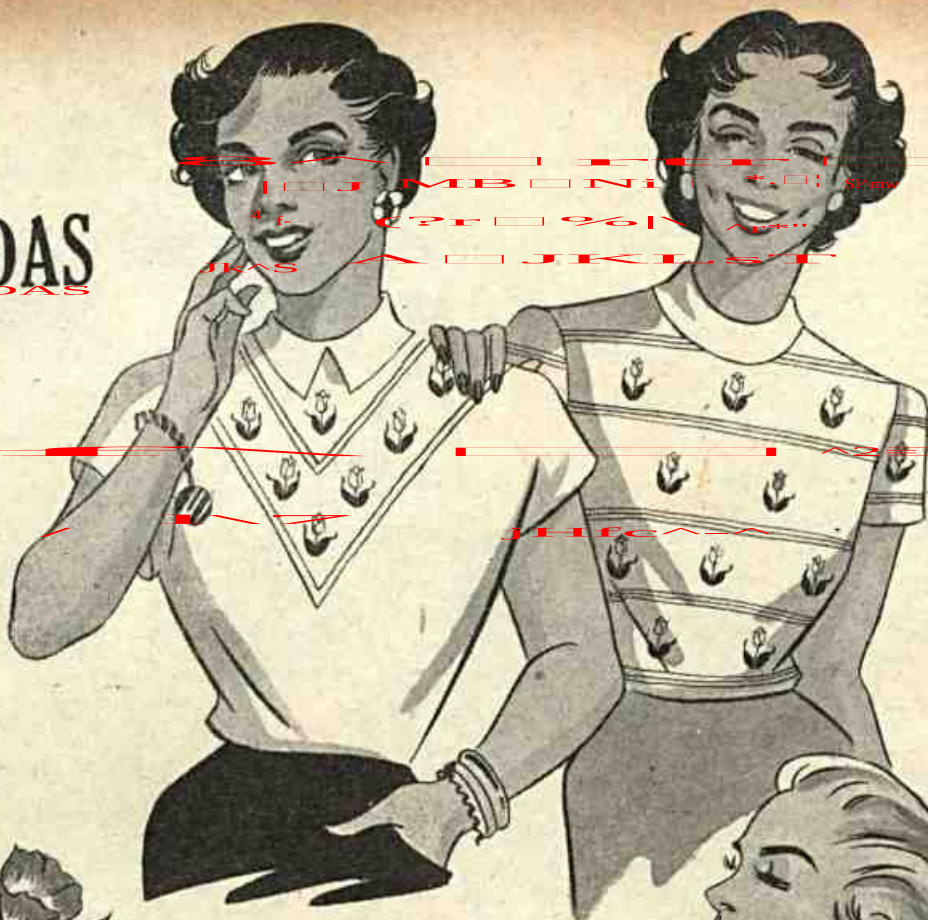
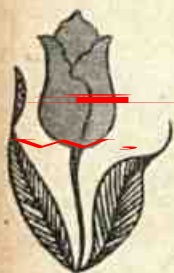
2 HULDA SOARES — (DF) — Mo-
delo em organdi branco. Saia am-
pla, com bolsos apicados cujas abas
em organdi azul-marinho combi-
nam com a barra do decote.

3 MAGDALENA FRANKLIN DA
SILVA — (São Paulo) — Elegante
modelo, em seda pesada cuja blu-
sa, drapeada na frente desce em
"V" atrás. A saia justa tem um re-
corte abotoado que prende um pano
drapeado em tom dos quadris e
caindo sóto no lado oposto.



BLUSAS

BORDADAS



Com um único motivo para bordar — uma pequena tulipa trabalhada em ponto cheio — apresentamos, nesta página, três modelos de blusas diferentes. A primeira possui uma espécie de pala triangular, formada por duas ordens de entrelaço, entre as quais são bordadas as tulipas. A segunda está guarnecida de nervuras e bordados que se alternam. A terceira tem mangas três quartos e está bordada em tulipas e pontos distribuídos em tabuleiro de damas.

BORDADO - CORTE E COSTURA
— CHAPÉU —

Direção:
Prof.^a ELISA NIGRI

Rua Conde de Bonfim, 272 — Tel. 28-4271
Av. N. S. Copacabana, 382 — Apto. 1212

Elisa

linhas de algodão, linho,
seda para todos
os trabalhos de Senhoras

D·M·C

MARCA DE FABRICA REGISTRADA

qualidade
superior
cores
inalteráveis



TODOS OS DIREITOS
RESERVADOS

passam as gerações
mas D·M·C fica

Representantes no Brasil:

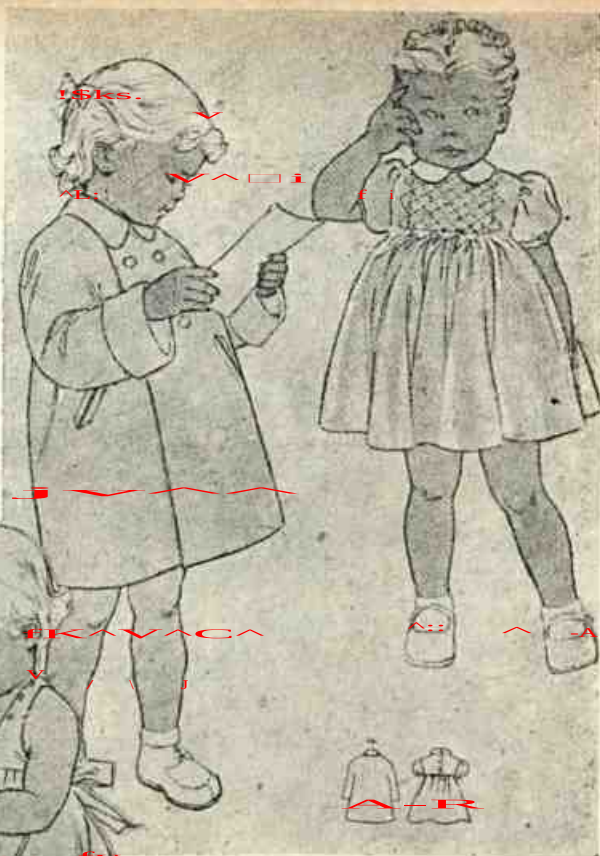
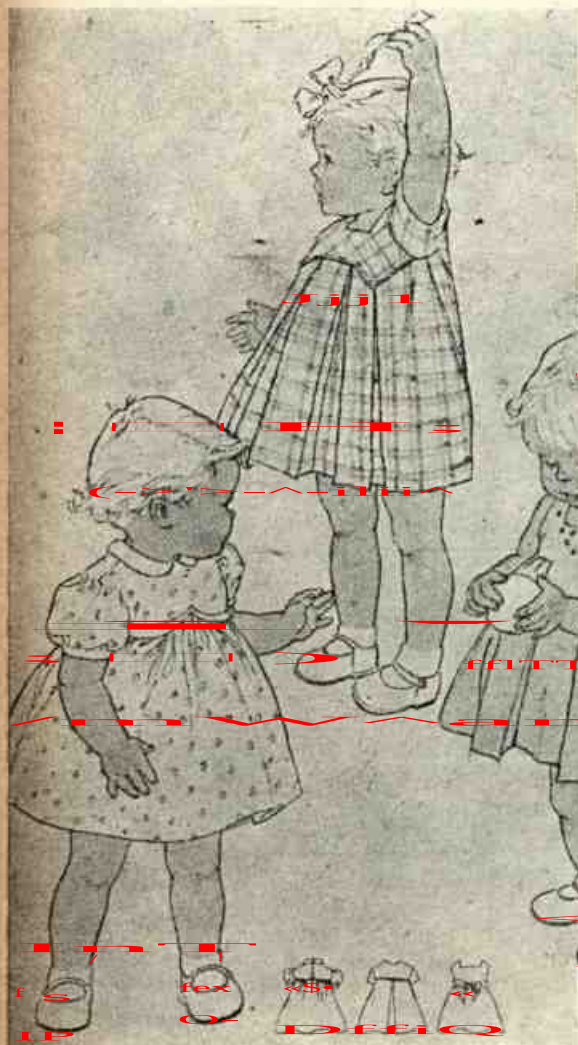
VIOLLAND & CIA. LTDA.

Av. Presidente Antônio Carlos, 213-A

RIO DE JANEIRO

Indicar-lhesão uma casa onde V. S. poderá
encontrar os Artigos D. M. C., caso V. S.
não os encontre no vosso fornecedor habitual.

Crianças



Para suas filhinhas, cinco gra-
ciosos modelos de vestidinhos,
feitos em algodão liso ou estam-
pado. O capotinho é de fustão
branco e o último vestidinho
tem a frente de "nids-d'abeille".

CRIANÇA BEM VESTIDA ENVAIDECE OS PAIS
Sugestões da



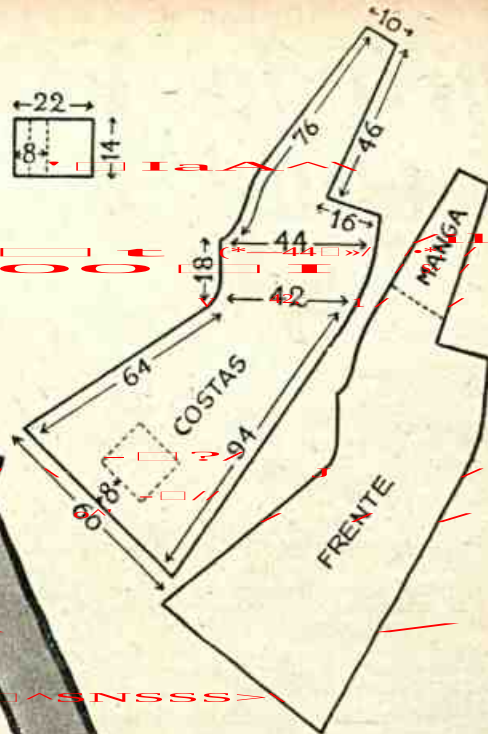
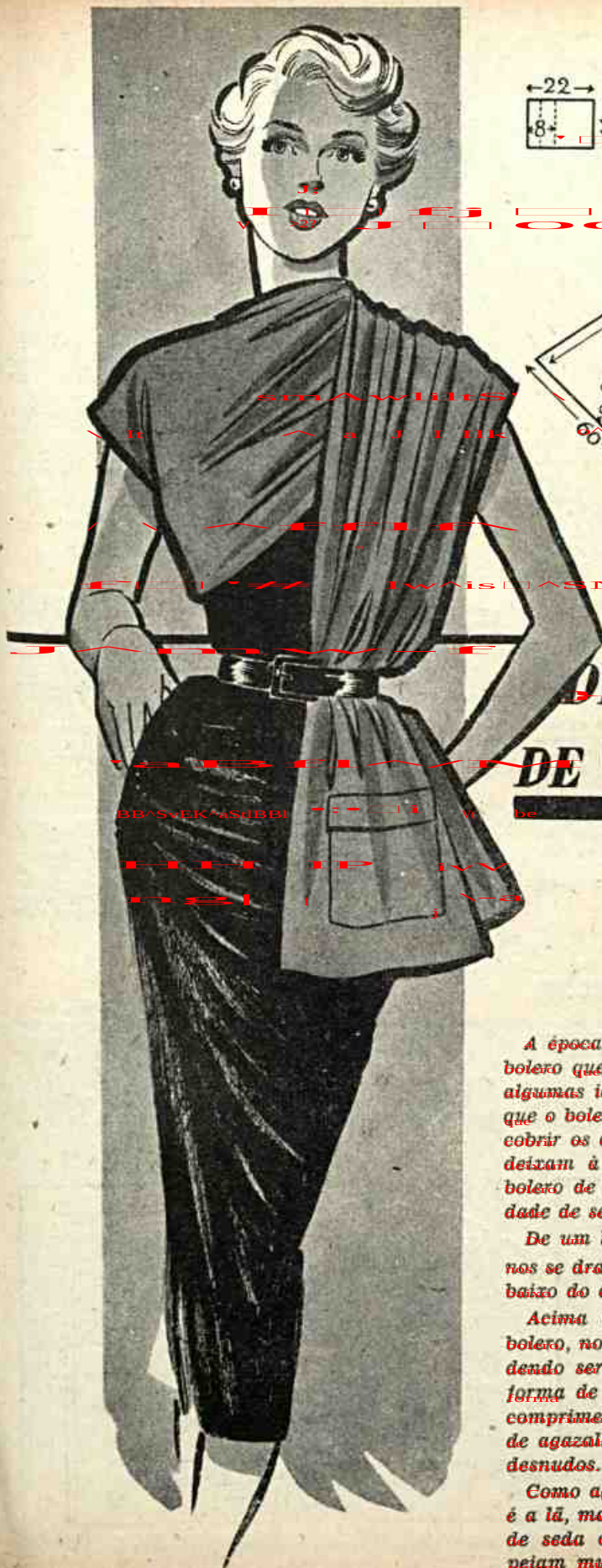
Casa Valentim

VESTE AS CRIANÇAS DO BRASIL

Atendemos pelo Reembolso Postal — Solicite Catálogo ao Departamento do
Interior — Rio — Rua Sete de Setembro, 122 a 128 — Matriz

FILIAIS:

São Paulo □ Belo Horizonte □ Porto Alegre
Rua Libero Badur □ Av. Afonso Pena □ Rua
121 □ 25 □ 543 □ 1625



DETALHES DE COSTURA

ORIGINAL BOLERO

A época de verão traz todos os anos o império do bolero que, embora, já muito gasto, sempre permite algumas idéias originais. Não resta a menor dúvida que o bolero é uma peça extremamente prática para cobrir os ombros que os vestidos decotados de verão deixam à mostra. Nesta página apresentamos um bolero de aspecto inteiramente novo pela originalidade de seu corte:

De um lado apresenta manga e do outro dois pa- nos se drapeiam sobre o ombro, caindo um deles por baixo do cinto em forma de "écharpe".

Acima apresentamos o esquema de corte deste bolero, no qual desenhamos a manga comprida, podendo ser diminuída ao gosto de cada uma. Desta forma de acordo com o tecido empregado e com o comprimento da manga, o bolero tanto pode servir de agasalho de inverno como para envolver ombros desnudos.

Como agasalho de inverno o tecido mais indicado é a lã, mas como bolero de verão sugerimos o jérsei de seda ou shantung flexível, porque ambos drapeiam muito bem.

método FON - FON de corte e costura

Lição VII

Características dos tecidos

O conhecimento do tecido com o qual se vai trabalhar é de muita importância para se evitar surpresas desagradáveis durante a confecção de um vestido. Quando não se sabe com segurança quais as características de um tecido — algodão, raio, linho, seda ou lã — tome-se de um retalho da fazenda, lave-se-o, passe-se-o a ferro, faça-se bainhas e cose-se-o.

Numa meia hora de trabalho consciencioso, ficar-se-á sabendo muita coisa acerca da reação das fibras e da firmeza das cores.

Tal experiência será muito proveitosa para impedir que os tecidos sejam demasiadamente manuseados na preparação de um vestido.

Muitas vezes, ouve-se um alfaiate dizer que é "fácil lidar com esta fazenda". Isto significa que o tecido pode ser cosido e passado com facilidade.

As fazendas finas e que amassam muito são as mais difíceis de lidar.

Assim, para impedir que estas fazendas leves e flexíveis, como o jásai, o "chiffon", a gaze, fiquem repuxadas quando costuradas, coloque-se um pedaço de papel com proteção e faça-se a costura por cima. Terminada esta, basta rasgar o papel.

Quando se trabalha com o veludo, não se deve esquecer de cortar todas as peças do vestido no mesmo sentido, a-fim-de que o reflexo seja sempre igual, evitando alterações de tonalidade e impedindo que o vestido pareça costurado com remendos. O veludo por outro lado, não pode ser passado diretamente a ferro.

Este deve estar bem quente, mas não deve tocar o tecido, apoiando-se sobre ele. Aproxima-se o ferro até tocar os pelos do veludo, mas não se pode deixá-lo descansar sobre o tecido.

As costuras são abertas pelo avesso, com o ferro também muito quente, e sem apoio-lio com força.

FIO, URDIDURA E TRAMA DOS TECIDOS — Para que um vestido tenha uma queda perfeita, é preciso que seja todo ele cortado segundo o fio da fazenda.

Para melhor compreensão do assunto, esclareçamos que, em todas as fazendas, tece-se primeiro a urdidura, que forma o comprimento, e depois a trama, que forma a largura.

Em qualquer pedaço de tecido, deve-se saber qual a urdidura e qual a trama, para que as peças do vestido sejam cortadas segundo uma ou outra.

Há certas fazendiss, nas quais não se pode cortar uma saia justa no sentido da trama — ou seja, da largura — porque deformam facilmente. Para formar viés, dobra-se o tecido em ângulo, de forma que a urdidura fique na mesma direção da trama.

Diz-se que uma fazenda está corretamente cortada segundo o fio, quando a trama, a urdidura ou os vieses estão na posição correta em todas as partes do trabalho em execução. Os alfaiates molham o tecido para encolher, e o deixam secar, depois prendendo-o à mesa, de modo que possam cortar cada peça exatamente no fio que convém. E é por isso que os trajes dos bons alfaiates conservam a forma e caem tão bem.

PREPARO DAS COSTURAS — Quando se tiver de costurar dois pedaços de tecido, deitar amolos sobre uma superfície lisa. Ajuste-os em seguida, mais no sentido da largura do tecido do que no do comprimento, para evitar que estiquem. Empregar alfinetes em profusão, colocando-os atravessados na costura. Não forçar a fazenda. Deve-se cosê-la naturalmente, em linha reta, de modo que os dois pedaços pareçam formar um só. Como regra geral, procurar manter o trabalho o mais possível sobre a mesa. Todas as costuras devem ser preparadas numa superfície lisa, antes de alinhavadas. O perfeito ajustamento das costuras é indispensável para o bom acabamento de qualquer peça do vestuário.

Quando se costurar um pedaço de fazenda enviesado com outro reto — como acontece frequentemente nas saias, mangas e godês — colocar na mesa o tecido enviesado sobre o reto, prendendo-os com alfinetes. Depois alinhavar cuidadosamente — ainda em cima da mesa — de modo a não formar rugas e também sem embelher ou esticar a parte enviesada. Quando a costura estiver pronta, passada e com os alinhavos removidos, a junção deve ficar tão perfeita, como se os dois pedaços tivessem sido cortados no mesmo sentido.

EMENDA DE VIESES — Ao emendar-se vieses, ter o cuidado de colocar os diversos pedaços no mesmo sentido, seja no comprimento, na largura ou em diagonal (Fig. 2). É preciso cortar os vieses corretamente e emendá-los muito bem, do contrário, por mais passados e acertados que tenham sido, nunca poderão ficar perfeitos.

Na próxima semana, falaremos sobre os pontos de costura a mão, indispensáveis ao acabamento de qualquer vestuário.



FIG. 1

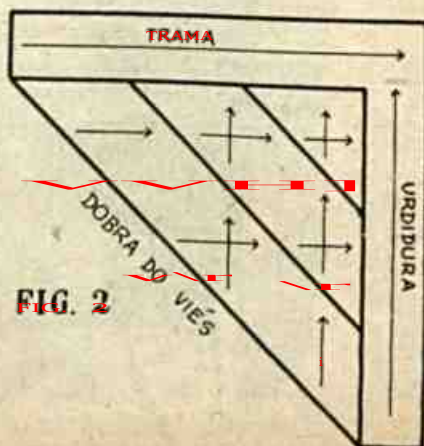


FIG. 2

Um Molde Gratia Para Você!

FON-FON se propõe a enviar-lhe gratuitamente, o seu molde individual.

A pessoa interessada deverá encher cuidadosamente o coupon, com as medidas tomadas de acordo com as explicações ao lado.

O coupon publicado nesta página vale por um molde de qualquer dos modelos estampados neste número de FON-FON.

Poderá o coupon ser entregue pessoalmente, ou enviado pelo correio, para os seguintes endereços: — MOLDES FON-FON, rua Pedro Alves, 60, ou a Rua Assembléia, 79, loja, A TULIPA — Rio de Janeiro.

Atendemos pedidos de qualquer Estado do Brasil.

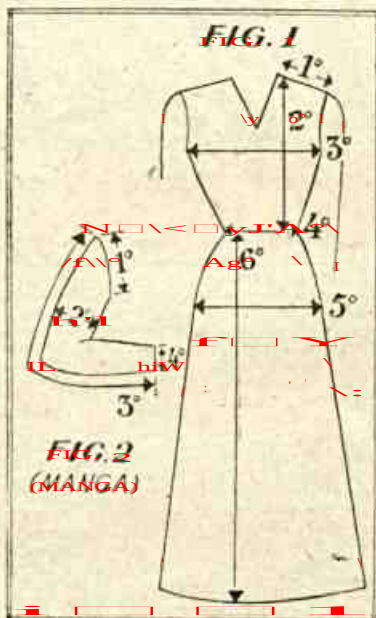
COMO DEVEM SER TOMADAS AS MEDIDAS

FIG. 1

- 1.º — ombro
- 2.º — comprimento da blusa
- 3.º — largura do busto (circunferência)
- 3.º — largura da cintura (circunferência)
- 5.º — largura do quadril (circunferência)

FIG. 2

- 1.º — circunferência da cava
- 2.º — largura da manga
- 3.º — comprimento da manga (braço dobrado)
- 4.º — largura do punho.

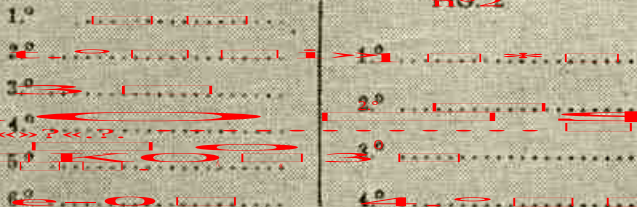


UM MOLDE GRATIS PARA VOCE - (5-1-1952)

QUEIRA REMETER-ME, COM BREVIDADE, O MOLDE DO MODELO Nº 1 DA PAGINA ALIADA DE ACORDO COM AS SEGUINTE MEDIDAS:

FIG. 1

FIG. 2



NOME: _____

RUA: _____

N.º: _____

CIDADE: _____

ESTADO: _____



JEZEBEL

Donald Crisp • Fay Bainter

HENRY O'NEILL SPRING BYINGTON

COMPLEMENTOS NACIONAIS



Roteiro de Leitura

PARA MENINAS

PARA AS FÉRIAS — Muitas são as jovens leitoras que nos escrevem pedindo indicações sobre livros, um roteiro para suas leituras. Pois bem, Mariuzinha, você dentro em breve vai terminar o ano letivo, fará seus exames, passará com boas notas e irá alegremente preparar as malas para ir para fora. Não se esquecerá nem da raquete de tênis, nem do maiô de banho, nem dos sapatos grossos, prontos para a montanha, não é? Lembre-se também das horas de felicidade calma, num tranquilo jardim de interior, em que você irá virando as páginas de um livro agradável.

E que livros lhe poderão ser mais agradáveis do que os da Condessa de Segur? Todas as meninas do mundo têm gostado delas. "As meninas exemplares", "As fêrias", "Os desastres de Sofia", "Que amor de criança", etc., etc., você encontrará em boas traduções. Não se esqueça de botar também na mala aquele delicioso romance americano que você viu no cinema com título de "Quatro destinos". Há uma tradução em português, "Mulherzinhas". Antigamente havia excelentes traduções feitas em Portugal, com os nomes "Quatro raparigas" e "Alguns anos depois" (continuação de "Quatro raparigas"), mas creio que já não se encontram mais à venda. Você passará horas deliciosas, lendo a história de meninas mais ou menos da sua idade e com os mesmos problemas que você tem.

Se você gosta também de leituras variadas, apropriadas à sua idade, leia a revistazinha francesa "La Semaine de Suzette". Não me diga que não se está dedicando ao estudo do francês, pois acho que tudo o que se puder ler no original tem outro encanto! Essa revistazinha tão interessante não é traduzida, e será pena que não possa lê-la, pois contém histórias, romancinhos em capítulos, conselhos sobre jogos e divertimentos, correspondência, concursos, enfim leitura proveitosa e encantadora.

HISTÓRIA DE CÃES — Quem é que não gosta dos cães? Você terá o prazer de ficar conhecendo melhor "Lassie", que viu no cinema, lendo "A força do coração". Não é banal que a estória de um filme seja... um cão. Esse magnífico colley escocês representa com inteligência e naturalidade o papel de uma cadela de raça, terrivelmente querida pelo seu jovem dono, Joe Carracloough, filho de um mineiro. Infelizmente, o pai de Joe, sem trabalho, é obrigado a vender Lassie ao duque de Rudling, que possui um canil célebre. Mas Lassie, passando por cima de todos os obstáculos, fuge várias vezes para ir ter com os Carracloough; de cada vez, estes são obrigados a torná-la a levá-la ao seu novo proprietário.

O duque parte para a Escócia. Lassie fuge mais uma vez e empreende a viagem de mil e duzentos quilômetros chegando semi-morta de cansaço a Joe, cuja emoção é indizível. Guiada pelo seu instinto, atravessou a nado lagos e rio e fugiu de todas as armadilhas. Tanta fidelidade tem o seu

prêmio: um final feliz reúne enfim a família Carracloough a sua fiel amiga.

COLEÇÃO MENINA E MOÇA — Bete na sua mala alguns volumes dessa Coleção, grandemente apreciada por meninas de várias idades. Aqui vai uma listinha dos romances dessa coleção, considerados os melhores por algumas meninas que conheço:

Os loucos fantasmas de Soudrac — de Jacqueline Duclac — Tradução de M. J. Pinto.
O mistério do Castelo de Morante — Valmor — Tradução de Valdemar Cavalcanti.
O Tezouro Maravilhoso — André Bruyère — Tradução de Angelina Leite Alves.
A Herdeira de Fenlac — Marguerite Bourcet — Tradução de Maria Lúcia de Azevedo.
O Pequeno Rei de Bengala — M. Pajo — Tradução de Lúcia Estrada.
A Conquista da Torre Misteriosa — Germaine Verdât — Tradução de Raquel de Queiroz.
O Segredo da Torre — Marguerite Bourcet — Tradução de Bastos Portela.
O Segredo do Velho Martin — Claude Saint-Ogan — Tradução de T. Nobre.
No Castelo da Montanha — M. Goudereau — Tradução de Beatriz de Carvalho Ramos.

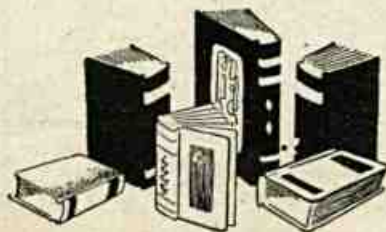
Leiam bem, e depois me digam se não gostaram! Conheço muitas meninas que vivem enlevadas com estes livros. A Coleção Menina e Moça, aliás, é muito extensa e tem muita coisa boa, que vocês devem aproveitar. Notem bem: essa Coleção é aconselhada pelo Padre Alvaro Negromonte.

E A BIBLIOTECA DAS SUAS IRMÃS MAIS VELHAS — Ponham na mala das suas irmãs mais velhas uma amável surpresa: um ou dois romances, que elas gostarão de ler nas horas de lazer, e um ou dois livros de poesias, de que elas devem alimentar os jovens corações.

São encantadores os romances de Guy de Chantepleure, de Marlitt, de Delly e Henry Bordeaux. Estes são um pouquinho mais fortes, menos "rosados". Mas são muito bons. Leiam de preferência os de Guy de Chantepleure. Se são muito românticos as suas irmãs mais velhas, e se ainda não leram, deem a elas "A moreninha" de Joaquim Manoel de Macedo cujo encanto o tempo não consegue apagar, e "A morgadinha dos canaviais", de Júlio Diniz.

E quanto aos versos, o livro de poemas de Valmíria Corrêa, "Vida...", com muitos poemas delicados e bonitos, e o de Beatrix dos Reis Carvalho "Sob a luz de um novo sol", livro tão feminino! e o famoso "Tô et moi", de Paul Géraudy. Elas adorarão!

E agora, minhas meninas, boas férias, boas leituras, muito juízo...



Campanha da Boa Vontade

Por ZILAH BASTOS SEABRA



A Caravana da Boa Vontade no Abrigo Francisco de Paula. Alziro Zarur, o Presidente da LEBV, aparece ao lado de Siskito Freire, Nelson Batista e um punhado de devotos Legionários da Boa Vontade.

PALAVRAS AOS ENFERMOS

São de Neio Lúcio estas profundas palavras aos enfermos: "Toda enfermidade do corpo é processo educativo para a alma. Receber, porém, a visita do benefício entre manifestações de revolta é o mesmo que recusar as vantagens da lição, rasgando o livro que a transmite. A dor física, pacientemente suportada, é golpe de buril divino, realizando o aperfeiçoamento espiritual. O doente desesperado é sempre digno de piedade, porque não existe sofrimento sem finalidade de purificação. A enfermidade ligeira é aviso. A queda violenta das forças é advertência. A doença prolongada é sempre renovação de caminho, para o Bem. A moléstia no corpo é reajustamento da alma eterna. Todos os padecimentos da carne se convertem, com o tempo, em claridades interiores, quando o enfermo sabe manter a paciência, aceitando o trabalho regenerativo, por bênção da infinita bondade de Deus. Quem sustenta a calma e a fé, nos dias de aflição, encontra a paz com brevidade e segurança, porque a dor, em quaisquer ocasiões, é a serva bendita de Deus, que nos procura em nome dEle, a fim de levar a efeito, dentro de nós, o serviço da Perfeição, que ainda não sabemos realizar". Aos enfermos, que leiam esta página, lembremos as palavras de Jesus: Bem-aventurados os que sofrem, porque deles é o Reino de Deus.

A CARAVANA EM MARCHA

O mundo está dividido em duas grandes classes: — criaturas de má vontade e criaturas de boa vontade. As pessoas de boa vontade, que amam a Deus sobre todas as coisas, sabem que a solidariedade humana é um dever. Ninguém faz caridade aos semelhantes que sofrem, pois só os egoístas pensam assim. Quando "fazemos caridade" é a nós mesmos que beneficiamos. Exatamente assim é que pensam as "Legionárias de Maria" — um grupo de senhoras espiritualizadas, que sustentam cincoenta meninas, que Deus lhes confiou. No domingo 16, às 4 horas da tarde, a Caravana da Boa Vontade visitou

a nova sede dessa Instituição, na Rua Rio Grande do Sul (Méier). Foi uma tarde agradável, repleta de ensinamentos para os que estudam os grandes dramas da pobreza envergonhada. Todos devem apoiar a obra benemérita das "Legionárias de Maria", porque elas trabalham por um Brasil melhor.

A VIDA E O DESTINO

Os fatalistas devem meditar nesta página de Carlos Morales: "Enfrenta a vida serenamente. Não a temas. Teme, antes, as tuas más paixões. Dentro de ti mesmo é que está o perigo. Dentro de ti levas a estróia da tua sorte: a força-prima que, exteriorizada, forjará o teu destino; a lâmpada que guiará teus passos nas dificuldades da existência. Não esqueças que as condições de tua vida serão sempre o resultado de teus pensamentos. Serás o que quiseres ser. Não existe o chamado fatalismo

do Destino. E, mesmo que existisse, poderias — com a energia do teu pensamento — amoldá-lo aos teus desejos. Enfrenta a vida serenamente. Põe refulgências de sol na estréla de tua sorte..." Não é admirável leitoras amigas?

DUAS LEMBRANÇAS

As fotografias que ilustram esta página são gratas recordações das visitas da Legião da Boa Vontade a duas instituições que bem merecem o conceito de que gozam: a Casa de Lúcia e o Abrigo Francisco de Paula. Ali, crianças órfãs ou desvalidas são educadas para o Bem, sob as bênçãos de Deus, que nunca desampara os que se devotam à obra da solidariedade humana. Na Casa de Lúcia, o trabalho de Olympio e Rosa Leonil é algo de extraordinário. No Abrigo Francisco de Paula, a obra de Siskito Freire e seus dedicados companheiros frutifica de forma edificante. Se os homens de todo o mundo se amassem uns aos outros, como ensinava Jesus, a Terra seria um paraíso. Mas, infelizmente, a maioria só se transforma à custa de muito sofrimento. Sim, porque "o homem colhe sempre aquilo que semeia", conforme a lição do apóstolo Paulo.

A CAMPANHA CONTINUA

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade"! E, assim, os Legionários da Boa Vontade prosseguem na sua tarefa em prol de um Brasil melhor. A LEBV atende ao público, diariamente, em sua sede (Rua Acre, 47 — 9.º andar). Mobiliza a Caravana da Boa Vontade no terceiro domingo de cada mês, em visita a instituições de caridade e assistência social. No 1.º sábado de cada mês, sempre às 4 horas da tarde, realiza suas reuniões públicas no 7.º andar da ABI. E mantém na Rádio Mayrink Veiga, aos sábados, às 14 horas, sob o patrocínio das Casas Olga, o programa "Campanha da Boa Vontade". Se vocês, leitoras, têm boa vontade, ajudem a Campanha da Boa Vontade!



Aspecto da festa ao ar livre, nos amplos jardins da Casa de Lúcia, no dia da visita da LEBV a grande instituição dirigida por Olympio e Rosa Leonil.



O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes.

Para eliminar os pêlos superfluos não use lâminas ou navalhas, use

RAGE, o maravilhoso e eficaz depilatório em pó, perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

A venda nas boas perfumarias.

Escolares e Adolescentes
(de 10 AOS 18 ANOS)

DR. H. BALLARIN

Distúrbios do crescimento — Endocrinologia — Obesidade — Magreza — Mau aproveitamento escolar. Exames periódicos de saúde. Marquei hora pelo tel.: 27-8431.



USE
E
NÃO MUDE

JUVENTUDE
ALEXANDRE
Para os CABELLOS

DR. PAULO PARISSÉ

Chefe S. Proct. H. Galfre Guiné
VARIZES

e suas complicações — Úlcera, eczemas, inchaços, etc.
Hemorroidas sem operação.
DOENÇAS ANO-RETAIS

Edifício Martinelli

Fones: 28-4531 e 52-0251

Av. Rio Branco 108-10.º sala 1006
Diariamente das 14 às 18



COLUNA DOS LEITORES

IEDA SIQUEIRA — (São Paulo — SP) — Pede-nos dois moldes enviando-nos apenas um coupon.

R.: — Infelizmente seu pedido não pode ser satisfeito totalmente. Enviamos-lhe um molde correspondente a um coupon.

A.A.N. — (Corumbá — M.G.) — Solicita-nos algumas explicações e deseja saber se precisa pagar os moldes.

R.: — O que deseja poderá ser encontrado em nossa seção "Detalhes de Costura". Julgamos muito interessante para a senhora "O Método FON-FON de Corte e Costura" há pouco iniciado. Quanto aos moldes, conforme anunciamos, podem ser solicitados um por coupon ou ao preço de Cr\$ 15,00 quando se tratar de figurinos de outras revistas.

NELLY R. BADA — (São Paulo — SP) — Diz-nos que tem muita pressa de um molde e quer saber quando é que pode recebê-lo, para depois então encomendá-lo.

R.: — O prazo deve ser calculado em termos de mês e meio, uma vez que o acúmulo de pedidos nos torna impossível maior presteza.

ADELAIDE LEAL CRÓSTUS — (Pau de Fôr — MG) — Elogia a seção de Modas de FON-FON e também a de cinema e a de culinária.

R.: — Agradecemos-lhe a gentileza dos conceitos, esperamos a mesma franqueza quando encontrar em nossas páginas alguma coisa que, por acaso, não lhe agrade.

GERALDA MADEIRA — (DF) — Escreve-nos: "A revista continua agradando e agora a seção 'A Vida e os Nossos Filhos' veio completar satisfatoriamente a parte elucidativa aos pais. Parabéns e prosperidade".

R.: — Realmente julgamos interessante e muito útil às nossas leitoras a seção a que se refere. De qualquer maneira, muito lhe ficamos agradecidos.

DALVA CRUZ — (Juiz de Fora — MG) — Estranha, após ter recebido resposta a cinco pedidos de moldes, e prontamente, não ter acontecido o mesmo com o penúltimo e, nesse sentido, escreve-nos apelando para nossa boa vontade.

R.: — O penúltimo pedido a que se refere a leitora já foi providenciado.

SYLVIA MALLET — (DF) — Faz-nos duas perguntas: por quanto sai uma assinatura de FON-FON e por que não publicam moldes para os manequins 48 e 50.

R.: — Em geral, na última página de nossa revista, encontra-se a primeira informação pedida, isto é, os preços de assinatura para todo o Brasil, que são: Porte simples — Ano (52 nos.) Cr\$ 200,00; semestre (26 nos.) Cr\$ 100,00. Registrado — Ano 52 nos.) Cr\$ 230,00; semestre (26 nos.) Cr\$ 115,00. As assinaturas começam e terminam em qualquer mês. Em relação à segunda pergunta, aguarde que nosso Departamento de Modas vai atendê-la.

EURIDES MENEZES — (DF) — Pede-nos "assuntos" sobre cada Estado do Brasil, a fim de nos tornar mais brasileiros.

R.: — Agradecemos sua sugestão que já está sendo estudada para quando o espaço na revista nos permitir a inclusão de novas seções. Agradecemos as palavras elogiosas da gentil leitora.

ELZA AZEVEDO — (DF) — Sugere-nos "confeção de flores artificiais. Trico e crochê".

R.: — Embora não em caráter permanente, temos publicado alguns trabalhos em trico e crochê. Quanto às flores artificiais, prometemos estudar a possibilidade de publicar explicações sobre sua confecção. Satisfeita?

MARIA ALBANO DE SYLOS — (São Paulo — SP) — Diz-nos: "Gostaria de ver publicado os títulos dos últimos livros, tanto nacionais como estrangeiros".

R.: — Devido à falta de espaço que tanto nos preocupa, tal seção só é publicada de vez em quando.

DACORADOJA — (Cajuru — SP) — Escreve-nos pedindo à nossa colega Veda Fontes que a aconselhe sobre o seguinte: como decorar a sala de jantar e estar.

R.: — Aguarde que será atendida na seção "Decoração do Lar", à qual encaminhamos sua carta.

DINORAH CINTRA — (Ypameri — Goiás) — Escreve-nos informando que, como ia pedir um molde, várias amigas incumbiram-na de fazer o mesmo. Apenas a sua carta, remeteu-nos 10 cruzeiros em selos do correio para que mandássemos três cadernos para medidas Toutemote. E, finalmente, recomenda-nos fazer a remessa por via aérea, o mais breve possível.

R.: — Infelizmente, foi feito incorretamente o preenchimento dos coupons que dão direito aos moldes grátis. Na maioria, os coupons referiam-se a modelos publicados em números diferentes daquele em que saíram; em outros, onde era necessário mencionar o número do figurino, lá estava o número de publicação da revista. Com isso ficavam inutilizados os referidos coupons. Quanto à importância de 10 cruzeiros em selos, encontramos, a mesma à sua disposição em nossa redação uma vez que não possuíamos os cadernos Toutemote que nos pede. Lamentamos muito não nos ser possível atendê-la, mas esperamos que volte com novos pedidos em coupons devidamente preenchidos.

Meias

Pedestal da Beleza Feminina

...de onde se levanta
a plástica maravi-
lhosa de suas formas,
traduzindo no mis-
tério das malhas flexi-
veis, o encanto per-
turbador do eterno
feminino!

As CASAS OLGA, a maior
organização especializada em
meias do Brasil, possuem o
melhor para a elegância fe-
minina, em variedade, be-
leza, durabilidade e preço.



Ouçam aos saba-
des das 1^{as} às
14,30 no Rádio
Mayrink Veiga, o
programa
paulista da Boa
Vontade"

X "Vontade"

casas olga

a tradição do comércio de meias

Rua do Ouvidor, 122
Rua 7 de Setembro, 133
Av. Rio Branco, 119
Rua Uruguaiana, 20 e 22

sentido de encontrar uma melodia que me foge. Dir-se-ia que a minha verdadeira expressao não pode ser terminada... Levei todo o meu tempo a tentar restaura-la, numa inútil pesquisa. Com a parte que se perdeu, perdeu-se também a minha capacidade de terminar bem a obra apenas começada...

Que teria sido minha vida se aquele beijo frustrado de Adalberto se tivesse realizado? Modificam a face do meu destino sobre a terra?... Quem sabe? Ah! todas as vidas repousam num "quem sabe?"

Se tivesse conhecido Adalberto?... Talvez o mal viesse daí. Nenhum dos outros homens que conhecia tinha sido aquele que lhe estava destinado, talvez... Mas, se Adalberto lhe estivesse destinado, o fato de negar-lhe um beijo teria força suficiente para modificar o destino de ambos? Claro que não. E se ele se repletava as hipóteses antes aceitas como verdades ineludíveis. Encontrava eco na sua tristeza nas lembranças amortalhadas no coração. Via tudo roto, tudo estrazado, tudo indito. Os vultos dos homens amados passavam como lamentáveis fantasmas, como se tivessem visto através de uma tela opulente, ou sob a palmarista confusa das águas de um aquário. Via tudo torto, tremulo, indesejo. Procurava-se negar recordações, numa busca dolorosa e inútil. E punha as mãos no rosto, anistava-se no vácuo. Em torno de si, só si mesma. E o nada misturava a si mesma. Chegava a ficar com o pensamento anestesiado de tanto pensar. Tira preocupação-se. Arrebatava-se a sair, a passear. Ela fazia um "para" que se cortar o coração.

Anda meses e meses de dura ausência. Hasto voltou das Flandres Unidas. Tinham perdido a situação, a situação mudou, e os echeangritos corriam da América do Norte, nos primeiros sinais de tempestade desencadeada.

A nitidez que em que se encontraram no quartamento da Compa de Pontim, Huen, Tem e Francilins, no entanto, até mais de meia noite, sob a silhueta mundial e os horizontes de pontim. Huen, Tem e Francilins, no entanto, até mais de meia noite, sob a silhueta mundial e os horizontes de pontim. Huen, Tem e Francilins, no entanto, até mais de meia noite, sob a silhueta mundial e os horizontes de pontim.

— Ah ! agora vamos neno e niso. Vamos aêir.

Foi tudo o que disse. Ia sem esperar mais. Todas as vezes que ele vinha, fazia sobramão um menino. Tinha sido uma grande surpresa para entrar o pequenino João mais forte e crescido no colégio.

— ☐ Aléxia e eu achamos que ele deve continuar como está.

Um mês depois da chegada, ainda não tinha dito nada de positivo anuíto ao desquite. Foi preciso que, afinal, Lázaro lhe apresentasse novamente. Ele coçou a cabeça e disse de modo estranho:

— São dificuldades sobre dificuldades. Agora que ficam bom, há esse espantinho da guerra sobre as nossas cabeças!

— Em que é que a guerra pode influir na nossa união? perguntou Iara, séria.

— Esteu convencida de que esse desquite jamais se realizará. Hugo é um fraco. E eu preciso compreender que, justamente por isso, ele precisa muito de mim!

Evangelina não disse nada. Dia e noite pensava no caso de Iara e Hugo. Era sua idéia fixa. Nada podia fazer por eles. Tinha pena de Iara e ao mesmo tempo admirava-a.

Tomie qualquer quantidade de polvilho doce e po-
nha-o numa vasilha. Borrife o polvilho com água e
sal (apenas o suficiente para umedecê-lo). Mexa com
colher de pau a fim de que a água penetre bem em
toda a massa.

Rale 1 coco e tire-lhe o leite usando para isso a própria água do coco, mas adoçada. Antes, porém, de espremer-lo, reserve um pouco do coco ralado.

Passa por uma peneira, ou coador muito fino, o polvilho umedecido. Esqueite bem uma frigideira e espalhe o polvilho sobre ela, calcando com os dedos para obter uma massa ligada e formar o beijo.

Quando todos os beijús estiverem prontos, derrame sobre eles o leite de côco, regando-os com uma colher até ficarem empapados. Mas tenha o maior cuidado em não os amolecer demais. Em seguida, espalhe sobre eles um pouco do ôco ralado que reservou. Passe manteiga, se gostar, enquanto os beijús ainda estiverem quentes, e sirva-os logo.

Éis um delicioso modo de preparar beringelas à italiana. Vejamos:

3 beringelas; 3 ovos bem batidos; meio queijo mozzarella (cavalo); sal, salsa, pimenta, queijo parmesão ralado; farinha de trigo o quanto baste; 4 tomates e meia cebola.

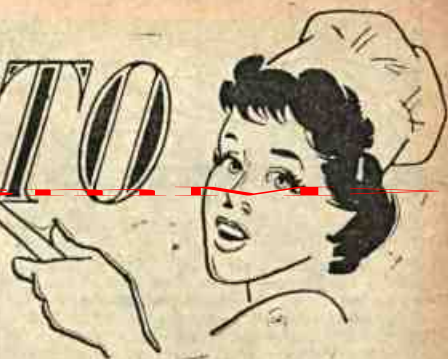
Tire a casca escura das beringelas. Corte-as em fatias finas e jogue-as numa vasilha com água à proporção que forem sendo cortadas. Passe-as depois em água limpa, escorra-as bem e, em seguida, fatie por fatia, passe-as em farinha de trigo, depois em ovos batidos. Frite-as, finalmente, em banha bem quente. A parte, faça um molho com meia cebola em rodelas finas, 4 tomates maduros e salsa picada. Arrume as fatias de beringela num prato de vidro, bem fundo, do seguinte modo: uma camada de beringela frita, um pouco de queijo parmesão ralado, uma pitada de sal e pimenta do reino, outra camada de mozzarella cortada em fatias finas e, finalmente a de molho de tomates. Vá arrumando assim até finalizar com a beringela frita com o molho por cima. Leve ao forno por 15 ou 20 minutos, só para derreter o queijo.

Escolha uma alface bem fresquinha e tenra. Lave-a, fôlha por fôlha, cuidadosamente. Ponha-as no coador e deixe que escorram um pouco. Coloque-as depois num guardanapo que, pegado pelas 4 pontas — como uma trouxa — é depois sacudido a fim de que as fôlhas de alface fiquem bem sequinhas, pois, mandam os mestres no assunto que todas as verduras crus devem estar perfeitamente secas antes de temperá-las. E não se esqueça de que o molho para salada só deve ser adicionado à última hora. Se gostar, e se quiser dar um gosto mais picante à salada, descasque e corte ao meio 1 dente de alho e com ele esfregue a parte interna da vasilha em que vai temperar a alface e os outros legumes e verduras.

A parte, faça o seguinte molho: 2 colheres de sopa de azeite; 1 colher de sopa de vinagre de boa qualidade; 1 colher de chá de açúcar; 1 pitada de mostarda francesa e 1 colher de café de sal. Com êle regue a salada no momento de servi-la.

Sugerimos ainda uma boa salada feita com alface, agrião, tomates, cebola, pequenas e cebolinha, ovos cozidos, pepino, rabanetes, beterraba.

de BOY GOSTO



Neste bom mundo de Deus, há, felizmente, muitos meios de sustentar a vida, a energia e a força de um corpo humano. Naturalmente a alimentação é o fator principal disso e todos nós concordamos que a carne é a chave-mestra de uma boa refeição, pois contém proteínas, sais minerais, gorduras e vitaminas.

De um modo geral, preparamos a carne de dois modos: em calor seco e em calor úmido. No primeiro, a carne é submetida ao ar quente — como nos assados de forno. No segundo, a carne é mergulhada em gordura ou água quente — como os bifes, as frituras, as carnes de panela, etc.

Antes de sair para fazer suas compras, considere, antes de tudo, as necessidades de sua família e procure adquirir os alimentos seguindo um plano previamente estudado. Saiba reconhecer o sabor e a maciez de cada qualidade de carne antes de comprá-las. Conhecendo os vários pesos ser-lhe-á mais fácil determinar como prepará-las do melhor modo.

UM CHURRASCO FEITO DENTRO DE CASA

Antigamente, quando o dono da casa metia-se a cozinhar, o mais certo era vê-lo encaminhar-se, com armas e bagagem, para o fundo do quintal, de onde, pouco depois, nos chegava o succulento cheiro de carne assada nas branzas. Agora, entretanto, com as novas grelhas, ele poderá fazer seus petiscos dentro de casa mesmo e, de antemão, adivinharmos o menu: Churrasco acompanhado por uma salada de tomates e cebolas. Acaso poderíamos exigir mais?

Eis aqui como o marido de uma nossa amiga costuma preparar o seu churrasco.

Tome um bom pedaço de filé sem aba, mas bem gordo. Passe-lhe um pano úmido e ponha-o na grelha para assar, molhando de vez em quando com um galhinho de salsa mergulhado num molho feito com 1 dente de alho socado e posto, de véspera, em meia xícara de azeite. No dia seguinte, misture ao azeite 3 colheres de sopa de caldo de limão, sal e pimenta malagueta socada.

PAO-LIGEIRO

4 xícaras de farinha de trigo; 1 colher de sopa de açúcar; 1 colher de sopa de manteiga; 1 colher de sopa de banha; 1 colher de chá de sal; 3 ovos e mais ou menos 100 gr. de fermento Fleischman dissolvido em 1 copo de leite morno.

Ponha a farinha de trigo num monte sobre a mesa mármore. Faça um buraco no meio e deite dentro a manteiga, a banha, o sal, o açúcar e os ovos e vá amassando tudo com o leite. Bata um pouco a massa e ponha-a em 2 formas (como as de pão) bem untadas com banha. Ponha as formas em cima de uma panela que esteja fervendo e cubra-as bem para levar a massa. Quando esta tiver crescido até quase as bordas das formas, leve-a a forno bem quente por meia hora mais ou menos.

COSTELETAS DE VITELA, COM RECHEIO

1 xícara de cebolinha picada; meia xícara de manteiga; 5 xícaras de farinha de rosca; 1 pitada de pimenta do reino; 2 colheres de chá de sal; 1/2 xícara de farinha de trigo; 2 costeletas grandes de vitela; 3 colheres de sopa de banha; meia xícara de água quente.

Refogue a cebolinha na manteiga. Junte a farinha de rosca, misturada com a pimenta e metade do sal. Misture o resto do sal à farinha de trigo e com esta polvilhe as costeletas que são levadas a dourar em frigideira com a banha. Coloque depois uma costeleta num prato pirex e espalhe o recheio de farinha de rosca por cima e cubra com a outra costeleta. Na frigideira em que dourou a carne, ponha a 1/2 xícara de água, deixe ferver

um pouco e derrame o molho assim obtido sobre as costeletas. Leve a forno moderado, tampando o prato, por 50 minutos, findos os quais destampe as costeletas e deixe no forno por mais 30 minutos.

BOLO GELADO

9 ovos; 300 gr de biscoito mais, frances ou champanhe, embebidos em licor; 1 copo de creme de leite; 4 colheres de sopa de chocolate em pó; frutas cristalizadas; 6 colheres de açúcar; 1 e meia colher de gordura de côco.

Arrume os biscoitos num prato pirex. Bata bem as gemas, o açúcar e o chocolate. Aos poucos, vá pingando a gordura de côco sobre a mistura de gemas. Junte as claras em neve e jogue o creme assim obtido por cima dos biscoitos. Ponha uma camada de frutas cristalizadas, as passas (se quiser) e, por último, o creme de leite. Deixe ficar na geladeira durante 2 dias antes de servir.

TORTA DE BANANA

Unte o fundo de uma forma pirex. Corte ao comprimento 4 ou 5 bananas d'água, ou prata, bem maduras. Arrume-as na forma, cruzando-as. Despeje sobre elas um pouco de vinho branco.

Com 3 ovos, 2 colheres de farinha de trigo e 1/4 de litro de leite, faça um molho cru. Junte-lhe açúcar (o suficiente para adoçar) e deite sobre as bananas. Leve ao forno por 20 ou 30 minutos. O forno deve ser moderado. Depois de frio, sirva na própria forma.

PICKLES FEITO EM CASA

Cozinhe beterrabas e cenouras. Ponha-as, separadamente, em vidros e cubra-as com vinagre aromatizado, mas fervendo. Também pode fazer o pickles com pepino cru, cortado em fatias, cobertos com sal e posto num coador para escorrer. Remova-o depois para os vidros e cubra-os com o vinagre aromatizado, fervendo.

VINAGRE AROMATIZADO PARA O PICKLES

Modo de fazer: 3 xícaras de vinagre; 50 gr de açúcar mascavo; 1 colher de chá de rabano ralado; 2 cravos e 1 pitada dos seguintes ingredientes: gengibre, outras especiarias e pimenta do reino. Ponha tudo numa panela e deixe ferver durante 15 minutos. Depoiscoe.



Rádios

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR



O DIA DA PROPAGANDA

Como nos anos anteriores, foi brilhantemente comemorado o "Dia Pan-Americano da Propaganda". Além do grande almoço de confraternização, que já é uma tradição dos publicitários, realizou a Associação Brasileira de Propaganda a inauguração de sua sede própria, na Av. Rio Branco, 14 — 17.º andar e o Ballé da Propaganda nos salões do High Life, animado por duas orquestras. De ano para ano, melhora o nível da mentalidade publicitária, graças ao espírito empreendedor dos dirigentes da ABRP. Especialmente no rádio, muito têm feito os homens da publicidade, esclarecendo anunciantes e aos diretores artísticos, prestando valioso serviço ao "broadcasting" em todos os setores da sua atividade. Por tudo isso, vamos apoiar a obra meritória da Associação Brasileira de Propaganda contribuindo para o seu progresso! Amor com amor se paga...

DENTRO E FORA DOS ESTÚDIOS

1. Gilberto Martins está sendo alvo de uma série de boatos. Dizem uns que ele aceitou a direção da Rádio Eldorado, emissora que romperá os céus do Brasil em fevereiro. Outros adiantam que ele será o mentor da Rádio Rio, outra emissora que estreará brevemente. Mas, à hora em que redigimos estas notas, tudo indica que Gilberto Martins não deixará a sua PRA-9, depois de uma batalha de quase um ano... É natural que ele seja cobçado pelas outras estações, pois é um dos maiores "radio-men" do Brasil. Vocês não acham?
2. Contratando Sílvia Vieira, o famoso bacurão que os ouvintes conhecem muito bem, a Rádio Nacional fez excelente aquisição. Sílvia Vieira é a grande atração de "Páginas Liricas" da PRE-8.
3. Luís Gonzaga está percorrendo o interior do país, numa excursão artística plenamente vitoriosa. Só depois do carnaval é que o rei do baiano voltará ao Rio, fazendo sua "centree" ao microfone na PRA-9.
4. "Zanoni" — uma novela de Dillm Lebon, baseada no famoso romance do mesmo nome, é o cartaz atual da Mayrink Veiga no horário das 12.30 horas, às segundas, quartas e sextas-feiras.
5. Dêa Camargo está cada vez melhor nos programas da PRA-9, onde se destaca no naipe feminino de cantores da estação de Antenor Mayrink Veiga. É uma intérprete magnífica da música popular brasileira.
6. Neyde Soares é uma das revelações do "Teatro dos Novos" de Alziro Zarur, na PRA-9. Boa voz, servida de apreciáveis inflexões, graças à cultura da jovem artista. Renovar ou morrer...
7. Pery Borges, é ator e autor dos mais credenciados. O veterano artista e escritor já emprega o brilho do seu talento à Mayrink há vários anos, com uma eficiência a toda prova.
8. "As Cartas do Indio" — criação e realização de Aloisio Silva Araújo — é a atração das sextas-feiras, às oito e meia, na Mayrink. É mais um sucesso para a carreira do consagrado "Becum".

STÉLIO RODOLFO

Pery Borges, destacado colaborador do "Teatro Pelos Ares Plácido Ferreira", da PRA-9.



O RÁDIO em REVISTA

Texto de STÉLIO RODOLFO — Fotos de CAUBY SALLES

O "Teatro dos Novos" é um celeiro de valores para a Mayrink Veiga. Ali, sem alarifes, se forma, aos poucos, uma equipe de intérpretes excelentes para o rádio-teatro brasileiro. Em 1952, esses novos rádio-atores estarão bri-



O Gabinete dentário da Associação Brasileira de Rádio é um dos mais frequentados do Rio de Janeiro. Os radiolistas, em sua quase totalidade, são frequentes dos dentistas da ABRP. Ali vemos Manoel Barcelos, presidente da Casa do Radiolista, colaborando no tratamento dos dentes de um companheiro de Diretoria.

Luís Gonzaga, o rei do Baiano, descobriu Zepressetti, o poeta-vagante, que está na Tapi, cariven, apresentando o programa "O sertão é assim". Na gravura, Gonzaga aparece com seu amigo Zepressetti durante um festival do compadre...





Barreto e Barroso, uma dupla caipira das mais populares, consagram uma das atrações dos programas de auditório da Rádio Clube do Brasil. Talento e formosura.



Toda esta gente que aparece no auditório da Mayrink é candidata ao estrelato, através do "Teatro das Novas" da grande emissora. Quantas serão os astros e estrelas de amanhã?

Ihanto ao lado de veteranos consagrados pelo público. Ficará, assim, demonstrado — de maneira definitiva — que há sempre gente boa esperando vez para vencer no rádio. E dever das estações, em benefício do próprio rádio, projetar esses valores, nem sempre compreendidos, mas sempre desestimulados pela indiferença dos diretores radiofônicos. Renovar ou morrer...

Seis valores do "Teatro das Novas" da Mayrink: Edmarcio Belmont, Wilson Marcos, Paulo Cordoso, Roberto de Montemar, Otton Sales e Hélio Alves.



Quem não conhece o "Recruta 23"? Aloisio Silva Araújo está absoluto no ar, todas as terças-feiras, às 21.30 horas nos 50 kilowatts da PR-10. Ali está ele, numa "pose" especial para FON-FON, no corredor do auditório. Que tal a classe do recruta?

Este é o Quarteto Copacabana, um fator de sucesso dos programas noturnos da Mayrink Veiga. Os prefixos dos programas "Em Bessa do Tesouro", "Pensão de Dona Emilia" e outros são cantados pelo "Quarteto Copacabana".



NÃO É SEGREDO...

LOCÃO

PHENOMENO

É O TÔNICO CAPILAR

DAS CABELEIRAS "FENÔMENAS"



LYTOPHAN

EM TUBOS DE VINTE COMPRIMIDOS

PRISIONEIRA DA NOITE (Continuação)

Certo dia, enquanto jantavam, Hugo declarou:

— Agora que estamos na guerra, não se pode resolver nada. Vamos ver se terrei que combater. Talvez seja convocado.

— Era só o que me faltava! exclamou Iara.

Os dias continuavam, agora terríveis, com o rompimento de hostilidades entre o Brasil e a Alemanha. Evangelina fazia planos vagos de se apresentar à Legião Brasileira de Assistência.

— Acha que vale a pena, Hugo?

— Tudo o que for pela causa, vale, Maninha.

Como voltara mudado dos Estados Unidos! Até parecia esquecido de suas antigas idéias de ver a Alemanha dominando o mundo.

Sua situação financeira caminhava de vento em pó. "Seu" Josias falava de desenvolver os negócios da usina, em planos espetaculares.

— Quando acabar a guerra, realizaremos os nossos planos, dizia Hugo, risonho.

— Quando acabar a guerra, haverá outro empecilho. Talvez o desenvolvimento da usina... respondia a moça tranquilamente.

— Afinal, para quando vocês pretendem realizar isso?

— Será quando Hugo puder. Ou quando quiser. Não posso forçar nada. Eu gosto dele e espero. Esperarei sempre.

— É melhor esperar em posição cômoda!... teve vontade de gritar-lhe, exasperada, Evangelina.

Agora saía todos os dias, para a Legião Brasileira de Assistência, onde se tinha inscrito na seção de costura. Voltava cansada, com as notícias mais recentes de tudo o que se passava no país. Temia-se, para cada momento, um possível bombardeamento dos inimigos. Talvez atacassem por Copacabana... As conversas iam até tarde, na sala, sobre as possíveis consequências. Certa vez Arnaud apareceu, com a esposa. Ia para a Itália e queria despedir-se.

— Ele vai porque quer, explicou a mulher, ajeitando-se placidamente na poltrona. Vai como voluntário.

Nos olhos de Hugo brilhava uma emoção mal contida.

— Eu também... se pudesse...

Mas não ousou terminar. Os olhos de Iara impediam-lhe a saída das palavras cruéis. Ao despedir-se, murmurou-lhe ao ouvido:

— Meu amor... A gente diz essas coisas assim para inglês ver! Não vê que eu a deixaria de novo! Por coisa alguma deste mundo!

Depois que todos saíram, Evangelina comentou com Iara a esposa de Arnaud.

— Não sei o que é que me diz que eles não estão felizes, e que Arnaud vai para a guerra para se ver livre dela.

— Eu também achei. Bem feito para ele. Casou-se com uma mulher vulgar e destituída de encantos.

Não se falou mais no assunto. A situação do país absorvia as atenções.

Certa tarde, chegando em casa, Evangelina encontrou Hugo sentado, sozinho, na sala de jantar. Vinha com o uniforme da Legião Brasileira e, diante do espelho, tirou o chapéuzinho com gesto lasso. Notou, pela fisionomia do rapaz, que ele também estava preocupado.

— Que é, Hugo? Há alguma coisa?

— Sei lá!... As vezes, não me compreendo!

— Quem se compreende?!

— E mesmo...

E depois de uma pausa:

— Iara parece que se compreende bem. Ela sabe o que quer.

— Por isso é a mais feliz de todos nós.

Houve um silêncio. Evangelina partiu uma fatia de queijo que estava em cima da mesa e pôs-se a comer.

— Tenho trabalhado bastante, fazendo camisas para os pracinhas. Estou com os dedos picados da agulha. Mas, pelo menos, estou sendo útil ao meu país.

— Utilidade relativa...

— Tudo é relativo.

Silenciaram. De repente, ele se levantou e disse, com ar desanimado:

— Vou dar uma volta. Talvez vá a um cinema. Estou aborrecido. Porque você sabe... a Alécia é terrível!... Minha vida com ela não vale dez réis de mel coado!

— Por que não a deixa logo? A guerra não é motivo para que continuem amarrados!

— Você não compreende. É que a guerra modifica a situação da usina. A usina precisa de mim.

— Ela teve impeto de gritar: Ou é você que precisa da usina?

Mas disse, apenas:

— Você vai fazer a Iara ficar esperando a vida toda?...

— A vida toda, não... Um dia realizaremos o nosso sonho... Um dia...



ANTISARDINA

*É o creme preferido
das Paulistanas...*



A abalizada opinião da ilustrada

presidente da Sociedade Artística de
São Paulo, Srta. Jurema Leme Rodrigues:

«ANTISARDINA é o primeiro e
único creme que uso até agora,
tendo com interesse divulgado seu emprego,
no convívio de minhas amizades, por ter observado
as suas indiscutíveis propriedades
de prolongar a juventude,
corrigindo as imperfeições da pele»...



ANTISARDINA ao USO DIÁRIO ao CABELO SAN ao ANTISARDINA ao USO DIÁRIO ao CABELO SAN ao ANTISARDINA ao USO DIÁRIO ao CABELO SAN

— El-lo que chega.
Bum, e a porta da frente abriu-se e fechou-se. Harry gritou: — Alô, pessoal! Desço em cinco minutos. — E ouviram-no subindo as escadas. Berta não pôde deixar de sorrir: sabia quanto ele gostava de fazer as coisas a toda velocidade. Que importância, afinal, uma diferença de cinco minutos a mais? Mas ele afirmaria que aquilo tinha uma importância enorme. E tanta questão de entrar na sala de visitas, extravagantemente frio e calmo.

Harry tinha tanto gosto pela vida! Oh, como ela apreciava isso nele! E a sua paixão pela luta — procurando sempre em tudo que lhe acontecia de adverso outro teste de seu poder e de sua coragem — aquilo ela também compreendia. Mesmo quando isso o tornava, aos olhos de quem não o conhecia bem, um tanto ridículo, talvez... Pois que havia momentos em que ele enficava em luta onde não havia luta de todo... Ela convenceu e nu, e positivamente esqueceu-se, até a momento em que ele entrou, que Pérola Fulton não tinha ainda aparecido.

— Quem sabe se Miss Fulton se esqueceu?

— Espero que tenha esquecido, disse Harry. Não telefonou?

— Ah! está chegando um táxi agora. — E Berta sorriu com aquele arzinho de proprietária que assumia enquanto as suas "descobertas femininas" eram novas e misteriosas. — Ela vive em táxi.

— Ficará muito gorda se continuar, — disse Harry friamente, tocando a sineta para o jantar. — Isso é um perigo para mulheres louras.

— Harry, não faça isso... avisou Berta, rindo.

Outro momento pequenino, em que eles esperavam, rindo e conversando, a vontade demais, desprevenidos demais... E então Miss Fulton, toda de prata, com uma rede de prata prendendo-lhe os cabelos de um louro pálido, entrou sorrindo, com a cabeça um pouco de lado.

— Estou atrasada?

— Não, absolutamente, — disse Berta. Venha! — Tomou-lhe do brago e foram para a sala de jantar.

Que havia naquele contacto daquele brago fresco que parecia abanar, abanar, e aumentar o calor, aumentar o calor, daquele fogo de euforia com o qual Berta não sabia o que fazer?

Miss Fulton não olhava para ela; mas é verdade que ela raramente olhava para as pessoas diretamente. As pesadas pálpebras caíam-lhe sobre os olhos, e o estranho meio-sorriso vinha e ia de seus lábios, como se ela vivesse ouvindo mais do que vendo. Mas Berta sentiu, de repente como se o mais longo e mais íntimo dos olhares tivesse sido trocado entre elas, como se uma tivesse dito à outra: Você também?, que Pérola Fulton enquanto agitava a bela soga vermelha no prato cinzento, estava sentindo exatamente o mesmo que ela.

E os outros? Fizer e Mug, Eddie e Harry, as colheres subindo e descendo, encostando de leve os guardanapos nos lábios, fracionando o pão.

(Continua na pág. 48)

ARTE DE SER

O USO DO "BATON"

O primeiro passo de coqueteria feminina... o primeiro intento de maquiagem deriva, na maioria dos casos, do "baton". Por esse motivo devemos cuidar tanto da aplicação do "baton" como cuidamos do "rouge" que empregamos para dar colorido às faces. As mocinhas devem manifestar sobriedade nesse particular, principalmente agora com o retorno do vermelho vivo e brilhante. É necessário estudar bem o efeito de cada tonalidade de "baton" assim como a cor do "rouge" para as faces. Escolher uma cor qualquer, de palpite, não é conveniente, não sendo igualmente aconselhável mudar a que lhe vai bem para estar de acordo com a moda.

Os "batons" de tonalidade vermelho-alaranjado, que eram os mais indicados para as atividades desportivas, estão perdendo o prestígio. Também o vermelho tendendo para malva, que não assenta em certos tipos de maquiagem, está caindo de moda embora fosse, até então, muito elegante. Foi sofrimento uma transformação desde o vermelho natural, um tanto apagado às vezes e suave, como o definem os seus criadores parisienses na sua imensa maioria. De novo fez sentir a sua influência a Paris tradicional na beleza e na elegância.

O "baton" oleoso é que os especialistas em maquiagem exaltam como o achado mais feliz em uns lábios bem desenhados e na pólipa cuidadosamente marcada.

Os "experts" da maquiagem aconselham, como última moda, uns lábios úmidos que se assemelham às cerejas em sua tonalidade.

As morenas assentam melhor os "batons" vermelhos e não os ciclarem ou dália. Para as loiras é recomendável a frescura simples da rosa. Podem escolher até o coral ou o gerânio, matizes esses que as favorecem.

O rosa salmão é também de bom efeito. De um modo geral, há a tendência de atenuar a intensidade no colorido, inclusive nos sombreios das pálpebras e no "rouge".

Toda a mulher, por menos agradando que seja, poderá ter, se quiser, lábios tentadores. A maioria das mulheres enfeiam os seus lábios com a maquiagem que lhes aplicam, por não conhecerem o contorno de lábios que melhor se harmoniza com o seu rosto. Não é raro ver mulheres de lábios perfeitos, de lábios bem equilibrados que os pintam tão mal que lhe estabelecem um desequilíbrio. Ao contrário destas, outras mulheres de lábios desiguais e desproporcionados, tornam-nos atraentes e tentadores não segundo as linhas imperfeitas de sua boca e dando-lhe uma nova estrutura com o "baton".

SE PASSOU DOS QUARENTA ANOS, EVITE:

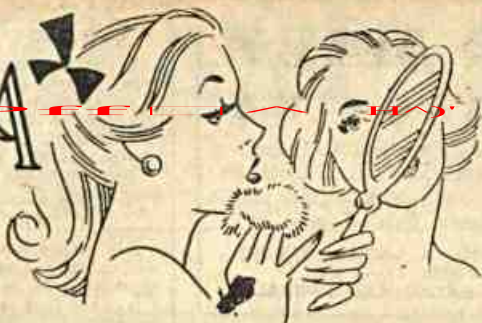
As blusas muito decotadas, a menos que possua um busto perfeito. Os suéteres justos, que marcam as formas.



Todo o excesso de "baton" deve ser "impresso" na toalha de papel apropriado para dar uma aparência mais natural aos lábios, conforme pratica Debbie Reynolds, da Metro.

OUÇAM, AS QUARTAS-FEIRAS, PELA RADIO MAYRINK VEIGA, A SUA PRAÇA, DAS 14 AS 14.30 HORAS, O PROGRAMA INTITULADO "ARTE DE SER BELA".

BELA



PREFIRA :

Os vestidos de baile ou jantar pouco decorativos na frente e com decote nas costas.

As jóias discretas, porque desta forma toda a sua figura ganhará em esbeltez.

SE POSSUI UMA FILHA

Não deve obrigá-la a permanecer sempre no papel de criança para aparecer com ela menor idade.

Não deve maquiar-se para fazer com que os demais pensem que seja sua irmã.

Deverá ensiná-la a cuidar de sua beleza futura.

Deverá considerá-la, em troca, como uma irmã caçula quando chegar o momento de fazer ginástica, para que esse cuidado um pouco penoso que a beleza exige, seja mais fácil e mais ameno para as duas. É maravilhoso possuir uma filha que possa passar por irmã mais nova. Seu entusiasmo se comunica à mulher que principia a ver sua juventude declinar, e essa juventude dá mais formosura e outro esplendor à outra, que começa a não ser tão fresca nem tão real.

DIVERSOS CONSELHOS PARA OS LÁBIOS

1) — Para pintar bem os lábios utilizando o "rouge" líquido, o melhor é fazê-lo com o auxílio de um pincelzinho especial. Consegue-se assim uma uniformidade excelente. Espalhando, como algumas jovens, com as pontas dos dedos, não se obtém um efeito tão formoso.

2) — Pintar mais forte os lábios nos seus extremos favorece algumas mulheres quando sorriem, porque lhes dá mais personalidade nesse instante, porém quando seu rosto permanece sereno, se destaca em demasia o artifício e produz a impressão de haver escorrido o "baton".

3) — O "baton" que se empasta pode usar-se passando pelos lábios um pouquinho apenas de vaselina, que os realça, dá brilho e repara o citado inconveniente.

4) — A cor do "baton" de sua preferência deverá ser usada em tonalidade mais clara durante o dia e mais escura para a noite.

5) — É preciso ter um olho crítico para a beleza individual dos lábios. Terão o cuidado de não espalhar o "baton" em demasia dando a impressão de um borrão de tinta e escolher uma tonalidade que combine com o "rouge" que usa nas faces.

6) — Uma boa maneira de aproveitar os restinhos de "baton" que ficam no fundo do recipiente é retirá-los com a ajuda de um palito e colocá-los dentro de uma caixinha. Depois espalhá-los nos lábios com a ajuda de um pincel ou utilizá-lo como "rouge" em pasta para o rosto.

7) — O pincel de lábios deve ser mergulhado num pequeno vidro com álcool após cada aplicação e limpo, em seguida, com uma toalhinha de papel apropriado.

8) — Um dos melhores truques de beleza para fazer com que o "baton" se fixe nos lábios, consiste em espalhar sobre eles uma leve camada de pó-de-arroz antes da aplicação do "baton".

9) — Da forma como utilizamos o "baton", dependerá a boca de parecer grande, nobre, sugestiva, fina ou mesquinha. Procure sempre suavizar os contornos da boca, não leve o "baton" até muito rente aos cantinhos desta porque, neste caso, o "baton" escorrerá e a boca parecerá manchada.

10) — Se deseja que os seus lábios fiquem bem delineados, marque primeiro o seu contorno com um lápis vermelho especial e depois espalhe o "baton" seguindo esse desenho.

11) — Não se deve espalhar um "baton" que produza muito reflexo uma vez que, na maioria dos casos, o seu emprego é contraproducente pois, ao invés de embelezar põe a perder a mais caprichosa maquiagem.

12) — Se o seu "baton" é seco ou você deseja uma boca com maior brilho, aplique, após haver espalhado o "baton", o "lip gloss", ou seja uma base cremosa apropriada para obter essa finalidade.



ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCÊNCIAS

VAI SER MÃE?



DELIVRANCINA

É o medicamento das Parturientes. Prepara o organismo para um parto feliz. Evita o Aborto, Vômitos, Enjôos, Cansaços. Seu uso é providencial durante toda a gravidez.

VAS FARM. E DROG. E LABOR. SIMÕES
RUA DO MARCOS, 33 — RIO
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

PRISIONEIRA DA NOITE

(Continuação)

La saindo, mas Evangelina, de repente, irritada, levantou-se:

— Quando chega esse dia, Hugo? Eu não tenho nada com isso, mas também já é demais ver a paciência da pobrezinha da Iara!...

Hugo olhou-a um momento, depois perguntou:

— Se fosse eu?... eu?... se seu mim?...

Ela esteve um longo momento imóvel, a fisionomia transportada, numa expressão de indizível surpresa.

— Se foss eu?... eu?... se eu esperaria?... Ora, Hugo!... sei lá!... Como posso saber?...!

Ele foi saindo lentamente. Sua ausência pôs na sala uma tristeza insuportável. Evangelina levou as mãos ao rosto. Tinha acabado de ver uma ideia terrível. Não tinha "tido" a ideia, tinha "visto".

— Vira-se amada por Hugo, vivendo com ele, tirando suas forças de seus carinhos, de seus encontros furtivos, no lugar de Iara... Tinha "visto" e...

Levantou-se de um ímpeto. A almofada do sofá caiu ao chão e ela pisou-a com raiva.

— Quero ir-me embora desta casa! Emborra para sempre!

Correu ao quarto, desatinada, abriu as franjas do pano de cima da cômoda e o Packard amarelo fugindo. Ameaçava muita chuva. O vento levantou-lhe os cabelos, fez tremorem as franjas do pano de cima da cômoda. Fechou a janela brutalmente e atirou-se à cama. Naquela noite, quando Iara chegou, não contou que Hugo estivera à tarde. Mantinha-se o mais silenciosa possível. Ao deitar-se, a amiga aproximou-se dela e contou:

— Não sei se você sabe... Hugo está fazendo planos para breve... Assim que a situação da usina ficar mais definida... Não esperamos o fim da guerra... Talvez essa conflagração dure muitos anos... Resolvemos não esperar...

— Quando foi que ele tomou essa resolução?

— Foi há dias...

— E quando você o viu pela última vez?

— Ante-ontem. Hoje ele tinha ficado de aparecer mas certamente não pôde...

Evangelina fez um gesto lasso, como se a despedisse. Depois que ela fechou a porta e saiu para o seu quarto, murmurou, exausta:

— Pobrezinha!...

Mas, escondendo o rosto nas mãos, num choro desenfreado, constatou intimamente que, apesar de tudo, a invejava.

(Continua no próximo número)

DEFUMADOR INDIANO

O MELHOR DEFUMADOR EM TABLETES. USADO PELOS INDÍAS NAS SUAS PRÉCIEIS DE PAZ E FELICIDADES E EM SUAS CASAS COMERCIAIS.

FAHR. J. STEFANINI - RUA ESTACIO DE SA, 71 - RIO

ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

RIO DE JANEIRO - BARRIO LIMA - ALAMEDA BERNARD SILVA, 689

Z.Y.X. -2

RADIO ARAPUAN

Estúdios — Escritórios

PRAÇA ARISTIDES LOBO, 20-1.º e 2.º and.

Telefone 1606

TRANSMISSOR

AV. CRUZ DAS ARMAS — (Otizciró)

Frequência — 1340 kcs. — Onda 223,8

JOÃO PESSOA — Paraíba

DIABÉTICO

Prolongue a vida mediante bom controle do seu diabetes. "O QUE O DIABÉTICO DEVE SABER"

é um livro ilustrado onde você encontrará tudo o que lhe interessa sobre sua doença. Pedidos pelo reembolso postal para: M. ARRUDA — Rua São Clemente, 329 (Botafogo) Rio de Janeiro. Preço inclusive porte: Cr\$ 55,00.

Uma Especialista
de Beleza não poderia fazer mais

• Debaxo de toda epiderme existe uma pele interna, fresca, jovem e livre de defeitos. Faça surgir essa beleza oculta, começando a usar Cera Mercolizada. Vale por um tratamento de beleza.

CERA MERCOLIZADA

Remova os pelos

Suprime o crescimento capilar. Pólice e inerte. Nunca inflama. Não é doloroso. Não há nenhuma exposição.

com **FORLAC** DEPILATORIO

PRODUTOS DEARBORN

SE GALAS, ÉS CULPADO

FOTO ROMANCE de ADA SALVI

CONTINUAÇÃO DO IX CAPÍTULO

— A mão não engana, André! Quem encontrou? Onde escon-
deste aquele documento? Fala, André!



— Não compreendo o que quis
te dizer.

262

— Pilar, levante aquele envelope.



— Já, eu te digo que fui apenas
para deixar, e basta!

263

— Aqui está sufocante. Vários
voltar para cima.



— Mas se foi pouco não, não
quiso sair?

NA ATMOSFERA EXCITADA DO "MOCAMBO", DIR-SE
IA QUE NISSA NOITE TODOS ESPERAVAM UM AGON-
TECIMENTO QUE PIRECHITASSE A SITUAÇÃO. TAM-
BÉM ENTRE TOM E BOLA PERSISTIA AQUELA DÚVIDA
DE UM ENGANO RECÍPROCO. ELA NÃO VAI FICAR
COMO DE COSTUME, NA SUA MESA E ENTÃO ELE
TOMA UMA DECISÃO.

264

— Deixa de fingir, Pilar, por
favor: diz-me onde
aquele envelope.



— Não posso dizer-te onde está
nenhuma coisa que nunca vi.

O DIÁLOGO ENTRE PILAR E DON RAMIRO TORNA-SE
MAIS INTENSO, APESAR DOS SORRISOS INOCENTES
DA MOÇA.

266

— Sorieta, não! E depois muito de dizer-lhe coisas que
não me está agradando, está muito aqui.



265

— Mas não compreendes, desgraçada, que se alguém o encontro se-
ria para mim a ruína? É uma questão de vida ou morte!



— Meu Deus, não me faças
rude.

267

EUFORIA — (Continuação)

tocando de leve nos garfos e copos e conversando.

— Encontrei-a no "show" Alfa, aquela diabinha! Ela não só cortou o cabelo, como também parece ter cortado uma boa parte das pernas, dos braços, do pescoço e do pobre narizinho também.

— Esta está muito ligada a Miguel Oat?

— O homem que escreveu "Amor com dentes postiços"?

— Éle quer escrever uma peça para mim. Um ato. Um homem. Resolve cometer suicídio. Explica todas as razões porque devia e porque não devia suicidar-se. E bem no momento em que éle resolve se dev eou não — cal o pau. A idéia não é má.

— Como vai chamar a peça: Perturbação de estômago?

— Aíh! que encontra! Idiota, semelhante a essa numa revistazinha francesa, desconhecida na Inglaterra.

Não, eles não compartilhavam com ela. Eram uns amores, uns amores, e ela adorava tê-los ali na sua mesa, dando-lhes comida e vinho deliciosos. Ansiava por poder dizer-lhes o quanto eram adoráveis, e que grapo decorativo compunham, como combinavam bem uns com os outros e como lhe lembravam uma peça de Tchekoff!

Harry estava gostando do jantar. Era bem dele, aquilo de falar sobre comida e exaltar a sua "paixão sem-vergonha pela carne branca da lagosta" e "fio verde dos sorvetes de pistache" — verdes e frios como as palmeiras das dançarinas egípcias.

Quando éle olhou para ela e disse: Berta, este "soufflé" está admirável! ela quase chorou de prazer como uma criança.

Oh, porque se sentia nessa noite tão term para com todo mundo? Tudo era bom e estava certo. Tudo o que acontecia parecia encher ainda mais a sua taça transbordante de felicidade.

E no fundo do pensamento estava-lhe aquela pereira. Estaria agora prateada, sob a luz da lua daquele querido Eddie, prateada como Miss Fulton, que ali estava sentada girando uma tangerina nos dedos compridos, tão pálidos que pareciam emanar claridade.

O que ela não conseguia compreender — e que era milagroso — era como podia adivinhar o estado de espírito de Miss Fulton tão exata e instantaneamente. Pois nem por um momento duvidou de que estivesse certa: esse respeito, e em que se baseava. Um menos que nada.

— Acredito que isso acontece muito, muito raramente entre mulheres. Nunca entre homens, — pensava Berta. — Enquanto eu estiver fazendo o café na sala de visitas, talvez ela "de e sinal".

O que queria dizer com isso? ela mesma não sabia, e o que podia acontecer depois disso não podia imaginar.

Enquanto pensava assim viu-se conversando e rindo. Precisava falar porque estava louca de vontade de rir.

— Preciso ou rir ou morrer.

Mas quando notou o curioso hábito-zinho de Face, de puxar o vestido na frente, no corpete, como se guardasse ali uma secreta provisão de nozes, Berta teve que enterar as unhas nas mãos — para não rir demais.

Tinha acabado, afinal. E: Venham ver agora a minha nova máquina de fazer café, disse Berta.

— Nós só temos uma nova máquina de fazer café uma vez em quinze dias, disse Harry. Face tomou do braço de Berta, dessa vez; Miss Fulton curvou a cabeça e acompanhou-as.

A MOÇA TERMINA POR COMPREENDER

A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO

— Comprimeto. Então vai embora, afastar-se, e não te lembre novamente aquele envelope.



— Olha! não tenho acaso o aspecto de quem menta? E depois, porque haveria de mentar logo a ti?

268



— Já disse: para te afastares. Não posso te lançar lá.

10 TABELIAO DA UM SALTO

269

— Oh, não, não que te possa interessar (ela por que tem Ramiro Cortez, o austero tabelião, vindo de "Mocambo". Gostaria de sabê-lo!)

— Que está olhando?



— Gostaria de saber quem é o que está ali com Ramiro está procurando a Maria?

— NAOQUE MOMENTO PRATEM A FORA DE APARECE LORENZA, A MEL SEGRETA DA DE TOM.

272



— Gostaria de saber quem é o que está ali com Ramiro está procurando a Maria?

— NAOQUE MOMENTO PRATEM A FORA DE APARECE LORENZA, A MEL SEGRETA DA DE TOM.

273

— Se tu te to... Há qualquer coisa que me escaça. Mas hoje vou lá a pouco, hei de sabê-la. Ela não fingia, agora o compreendo. Mas eu arrancarei a teu segredo.



— E disse: arranca o segredo de quem não os tem.

TOM ESTÁ QUASE MOSTRANDO O SEU ASPECTO VERDADEIRO: CRUEL, INEXORÁVEL

276

— A COMEÇA A SUSPETA DESPERTAR O TEMPERAMENTO VIOLENTO DE TOM, DESSECANDO PAOLA PELO PULSO, E COLOCANDO A MOÇA TRAZIA A CONDIÇÃO NO DECOTE.



— Ah! uma carta! Bem que eu disse! Apela minha vigilância, conseguindo receber carta pontual! É mais esperta do que eu sei!

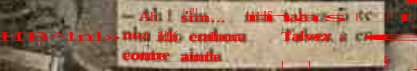
10º CAP.

277

— Quería falar com aquela mitega que estava aqui há umas horas. Sabe? aquela alta, loiro, com um vestido verde.



— Ali! Ah... não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

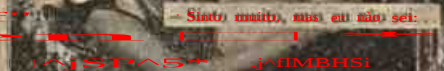
— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Oh, mas ela não deve ter saído assim. — Não, o encontrou, preciso vê-la urgentemente.



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

EUFORIA (Continuação)

O fogo abateu-se na sala de visitas, até o ponto de tomar-se "um manto de pequeninas fênix", vermelho e brilhante, como disse Face.

— Não acenda a luz já. Está tão bom assim. — E abaixou-se novamente sobre o fogo. Estava sempre fria... sem o seu casquinho de flandria vermelha, é claro, pensou Berta.

Nesse momento Miss Fulton "deu o sinal".

— "Você tem Jardim?" disse a voz fria e sonolenta.

Era dito de uma maneira tão fina que tudo o que Berta podia fazer era obedecer-lhe. Atravessou a sala, afastou as cortinas, e abriu as compridas janelas.

— Veji! murmurou.

E as duas mulheres ficaram em pé uma junto da outra, olhando para a faveira delgada e florida, que, embora permanecesse tão tranquila, parecia, como a chama de uma vela, estirar-se para o alto, apodrar, estremer no ar brilhante, crescer cada vez mais enquanto elas a olhavam — quase a tocar o bordo da lua redonda e prateada.

Quanto tempo ficaram ali? Ambas presas naquele círculo de luz sobrenatural, entendendo-se perfeitamente, criaturas de um outro mundo, imaginando o que deviam fazer neste com todo esse tesouro eufórico que lhes queimava o peito e lhes caía, em flores douradas, de seus cabelos e de suas mãos?

Para sempre — por um momento? E Miss Fulton murmurou: — Sim, & bem "isso".

Ou será que Berta sonhou?

Então acenderam a luz e Face fez o café, e Harry disse:

— Minha cara Mrs. Knight, não me faça perguntas acerca da minha filha. Nunca a vejo. Não me interessa nem um pouco por ela, até o momento em que ela tenha um amante. — E Mug retirou por um momento os olhos da estufa para plantas, repondo-os sob os óculos, e Eddie Warren tomou o café e depois a xícara com uma expressão de angústia.

— O que eu quero é dar ao rapaz um espetáculo. Londres está cheia de pegos novinhos em folha, ainda não escritas. O que eu quero dizer a eles é: Isto é teatro. Teatro à vista!

— Você sabe, meu caro, vou decorar uma sala para Jacob Nathans. Oh, estou tão tentada a fazer um esquema tipo peixe-frito, com os espaldares das cadeiras em forma de frigideiras e adoráveis batatas, muito chiques, bordadas nas cortinas.

— O mal dos nossos jovens escritores é que eles ainda são muito românticos. Não se pode viajar por mar sem sentir enjôo e precisar de uma bacia. Por que é que eles não têm a coragem dessas bacias?

— Um poema terrível, de uma moça violada por um mendigo sem nariz, num bosquezinho...

Miss Fulton afundou na poltrona mais baixa e mais funda e Harry ofereceu cigarros a todos. Pela maneira com que ele parou em frente dela sacudindo a calcinha de eprata e dizendo asperamente: "Espelhos? turcos? da Virgínia? Estão todos misturados".

Berta compreendeu que Miss Fulton não só o aborrecia, mas que ele não gostava, positivamente, dela. E pelo modo com que Miss Fulton disse: "Não, obrigada, não fumo", decidia que ela compreendeu isso e ficou ofendida.

Oh, Harry, por que não gosta dela? Você não tem razão. Ela é uma maravilha, uma maravilha. Além disso, como é que você pode deixar de gostar de uma pessoa que para mim significa tanta coisa? Vou tentar, logo mais, quando estivermos deitados, ex-

(Conclui na pag. seguinte)



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

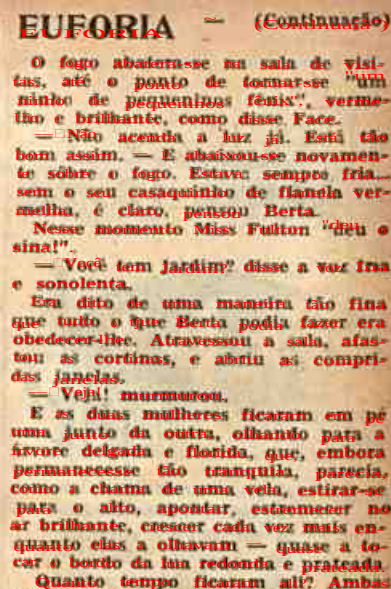
— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.



— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

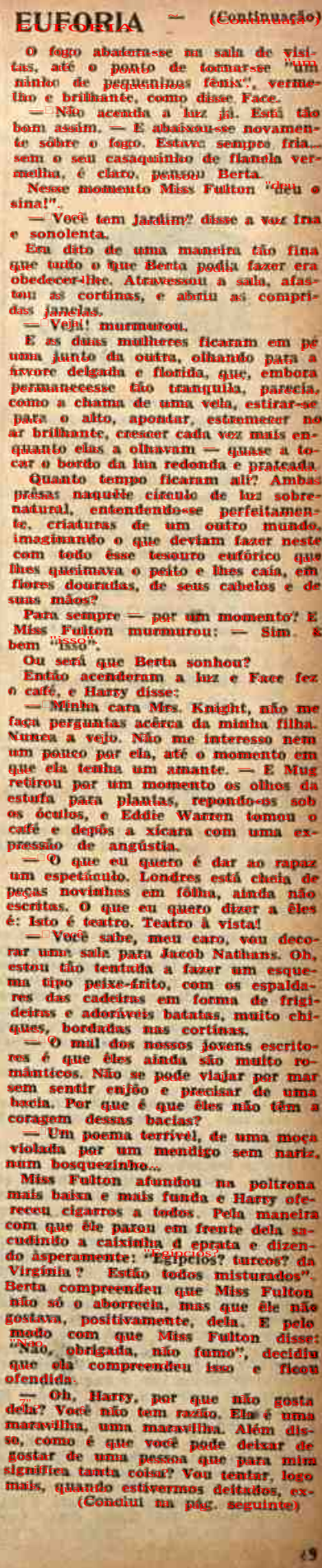
— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.

— Não sabe se ela veio aqui. — Não ido embora. Talvez a conheça.



Casa de Saúde SANTA LÚCIA



Modernamente aparelhada, com assistência médica permanente, enfermagem Ana Neri. Internação para operações e partos. Tratamento de ondas curtas, ultra-violeta, infra-vermelho, diatermia, correntes galvânicas e farádicas. Rato X, Oxigenioterapia (tenda e máscaras). Nebulização. Confortáveis quartos e apartamentos de luxo.

VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 435

TEL.S.: 26-8403 e 26-8331

BOIAFÓGO

EUFORIA — (Continuação)

placar-lhe o que está acontecendo. Aquilo de que ela e eu compartilhamos.

A essas últimas palavras algo de estranho e quase atemorizador surgiu no cérebro de Berta. E essa coisa cega e sorridente murmurou-lhe: Dentro em pouco toda essa gente vai embora. A casa ficará quieta, quieta. As luzes estarão apagadas. E você e ele ficarão sozinhos, juntos, no quarto às escuras, a cama quente...

Ergueu-se da poltrona e correu para o piano.

— Que pena que ninguém toque! exclamou. Que pena que ninguém toque!

Pela primeira vez de sua vida Berta Young desejou seu marido.

Oh, amava-o, tinha-o amado, sem dúvida, de todas as outras maneiras, mas daquele modo não. Sempre compreendera que ele era diferente. Discutiram isso tantas vezes. A princípio ela ficara apavorada verificando que era tão fria, mas depois aquilo pareceu não ter importância. Eram tão francos um com o outro, tão bons companheiros. E isso é que havia de bom em ser um casal moderno.

Mas agora, ardentemente! ardentemente! A palavra doía-lhe no corpo ardente! Era a isso o que aquela sensação de euforia a tinha levado? Mas então...

— Minha querida, disse Mrs. Norman Knight, você sabe bem qual é a nossa vergonha. Somos as vítimas do tempo e do trem. Moramos em Hampstead. A noite foi ótima.

— Vou acompanhá-los até o hall, disse Berta. Foi ótimo vocês terem vindo. Mas não devem perder o últi-



A REVISTA FEITA
PARA O LAR

ENDEREÇO

Administração, Redação e Oficinas: — Rua Pedro Alves 60. — Tels.: — Gerência e Publicidade: 23-5180. Redação: 23-6282. Contabilidade: 43-1527. — Caixa Postal 97. — End. Teleg. FON-FON. — Sucursal em São Paulo — Gabriel Pereira — Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and. — Representante na Europa: Comptoir International de Publicité (P. Gargon & Ch. Levindrey 28 Boulevard Haussmann PARIS 9e) — France.

ANO XLIV

Rio de Janeiro

5 de Janeiro de 1952 — N. 2.334

Cr\$ 4,00 — EM TODO O BRASIL

DIRETOR-PRESIDENTE

Sérgio Silva.

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Ary Sérgio Silva.

DIRETOR-SECRETARIO

André Sérgio Silva.

DIRETOR-TESOUREIRO

Cyrol Vieira Machado.

REDATOR-PRINCIPAL

Martins Capistrano.

REDATORES

Elcias Lopes e Bastos Portela.

COLABORADORES

Gustavo Barroso — Alzirio Zarur — Edvard Carmilo — Edgard Pereira — Lúcia Luís Carlos de Caldas Brito — Mercedes S. Martins (Miss "N") — Jonald — Gilberto Brandão — Clélia Clay — Zilah Bastos Seabra — José Bandeira Nery — Maluh Ouro Preto — Caio Pinheiro — Cyra Nery — Ieda Criso Fontes — Eloya de Araújo.

Venda avulsaa Cr\$ 4,00

Núm. atrasado Cr\$ 4,50

Núm. atras. pelo Correio ... Cr\$ 5,00

Preço das assinaturas em todo o Brasil
Porte Simples

Ano (32 ns.) Cr\$ 200,00

Semestre (26 ns.) Cr\$ 100,00

Registrado

Ano (32 ns.) Cr\$ 230,00

Semestre (26 ns.) Cr\$ 115,00

em qualquer mês.

As assinaturas começam e terminam
em qualquer mês.

EUFORIA — (Conclusão)

mo trem. Que horror, não é mesmo?

— Quer mais um uísque, Knight, antes de ir? perguntou Harry.

— Não, obrigado, meu velho.

Berta apertou-lhe um pouco a mão, por isso, ao despedir-se dele.

— Boa noite, adeus — gritou do degrau de cima, sentindo que esse ser que ela estava vendo despedia-se deles para sempre.

Quando voltou à sala de visitas, já todos estavam de pé para se retirarem.

— ... Então você pode ir no mesmo taxi conosco.

— Ficarei muito grato, porque assim não terei que andar de automóvel sozinho, depois da minha terrível experiência de hoje.

— Há um ponto de taxi no fim da rua. Vocês não terão que andar muito.

— Ainda bem. Vou vesti-mei casaco.

Miss Fulton dirigiu-se para o hall e Berta a seguiu quando Harry passou-lhe a frente.

— Deixe-me ajudá-la, Miss Fulton.

Berta sabia que ele devia estar arrependido pela sua rispidez, e deixou-o ir. Era um verdadeiro menino, tão impulsivo, tão simples...

Eddie e ela ficaram juntos ao fogo.

— Você já leu o novo poema de Billis, chamado "Mesa de hóspede"? disse Eddie com o seu tom macio. É formidável! Está na última Antologia. Você tem? Gostaria tanto de mostrar-lhe! Começa com um verso incrivelmente belo: "Por que há de ser sempre sopa de tomate?"

— Sim, disse Berta. E caminhou silenciosamente para uma mesa junto à porta da sala de visitas e Eddie deslizou também silenciosamente atrás dela. Tomou do livro e deu-lho: tudo sem dizerem uma palavra.

Enquanto ele erguia o livro nas mãos, ela virou a cabeça para o hall. E viu... Harry com o casaco de Miss Fulton nos braços e Miss Fulton de costas voltadas para ele e com a cabeça curvada. Ele empurrou o casaco, pôs as mãos nos ombros dela e fez-na voltar-se violentamente. "Adoro-o!", diziam seus lábios, e Miss Fulton passou-lhe os dedos de luar nas faces e sorriu-lhe aquele seu sorriso sonolento. As narinas de Harry tremaram; seus lábios encrespavam-se em destestável sorriso, enquanto murmuravam: "Amoroso", e com as pálpebras Miss Fulton disse: "Está bem."

— Aquel está, disse Eddie. "Por que há de ser sempre sopa de tomate?" é uma coisa tão profunda, não acha? Sopa de tomate é tão terrivelmente eterna!

— Se preferir, disse a voz de Harry, muito alto, do hall, posso chamar um taxi pelo telefone.

— Oh, não. Não é preciso, disse Miss Fulton, e veio para Berta e estendeu-lhe os dedos finos.

— Adeus. Muito obrigada, hein?

— Adeus, disse Berta.

Miss Fulton reteve-lhe a mão por um momento mais longo.

— A sua encantadora pereira! murmurou.

E saiu, seguida por Eddie, como o gato preto seguido pelo gato cinzento.

— Está na hora de fechar o estabelecimento! disse Harry, extravagantemente frio e calmo.

— A sua encantadora pereira, pereira, pereira!

Berta correu simplesmente para as janelas compridas.

— Oh, que será que vai acontecer agora? exclamou.

Mas a pereira estava encantadora e cheia de flores e tranquila como sempre.



BOLINHOS DE COCO

Dizem — não o podemos afirmar — que estes bolinhos que a sra. Bob Hope sabe fazer com maestria ajudam-na a trazer o marido "pele beicinho". Vamos experimentar também?

Os ingredientes são os seguintes: 3 1/2 colheres de chá de fermento; 2 1/4 xícaras de farinha de trigo; 1 colher de chá de sal; 1 xícara de manteiga; 1 3/4 xícara de açúcar; 3 ovos; 3/4 xícara de leite; 3 tabletes de chocolate; 1 colher de chá de essência de baunilha.

Modo de fazer: peneire juntos a farinha, o fermento e o sal. Bata a manteiga até que fique cremosa e junte-lhe depois 1 1/2 xícara de açúcar. Misture bem e acrescente a baunilha e as gemas batidas. Adicione o chocolate derretido. Vá acrescentando a farinha (peneirada com o fermento e o sal) alternadamente com o leite. Bata as claras em neve e acrescente-a juntamente com o resto do açúcar. Misture tudo muito bem e leve ao forno moderado, em forminhas untadas com manteiga e ligeiramente polvilhadas com farinha. Faça a glaze Real — cuja receita já tivemos oportunidade de dar em número passado — e espalhe-a na parte superior dos bolinhos. Enquanto a glaze estiver úmida, jogue-lhe em cima o pó de açúcar.

A
Sedução
da
beleza...



sob a proteção do creme dental

KOLYNOS

